Aveiro, 4 de Fevereiro de 1967 ★ Ano XIII ★ N.º 639

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO : EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

ENTRUDO Disse-o o famoso António Vieira: «foi o tumulto de Carnaval /.../ gosto e apetite depravado de gula, enfim Carne». A máscara é o seu símbolo — que sempre a vergonha se mascarou; mas, dentro de poucos dias, a máscara será cinzas — não apenas símbolo mas tristíssimo resíduo de todas as humanas fatuidades. ——— Foto do Dr. Costa e Melo

ENSAIOS SOBRE A FÉ

DR. MÁRIO SACRAMENTO

IV

Se admitirmos, de um ponto de vista materialista, que a natureza foi tão «sábia», ao produzir o homem, que o dotou, sem uma falha, de todas as faculdades indispensáveis ao conhecimento integral do mundo, teremos de convir que essa hipótese é demiúrgica, uma vez que pressupõe poder o mero concurso das causas naturais conduzir, finalisticamente, a um resultado que tem por limite a omnisciência que o homem atribuiu a Deus. É fora de dúvida que tal interpretação do materialismo reflecte, inconsciente disso, uma sobrevivência teológica.

Não obstante, ninguém duvida de que o conhecimento humano é válido. E não só interpreta correctamente a natureza e a vida, como permite transformá-las. Quer isto dizer que entre a matéria e a consciência não existe uma simples relação de causa-efeito que permita interpretar a segunda como epifenómeno da primeira, — ao contrário do que pretendeu o materialismo mecanicista —, mas sim uma relação de causa-efeito que faz surgir a segunda por um processo de transformação qualitativa da primeira que a dota duma autonomia relativa. Daí que os dados recolhidos pela consciência, ou as conclusões a que chega, possam ser inadequados à realidade a que concernem e entrar, até, em conflito com ela, não havendo outro critério senão o da *práxis* (ou prática social e colectiva, refresquemos a memória) para o saber. Quando dizemos, portanto, que uma aquisição do conhecimento humano é válida, reportamo-nos, não à sua lógica interna ou formal, mas à verificação que dela podemos fazer agindo sobre o real. E é neste sentido, apenas, que o materialismo representa a verdade, quando considerado em unidade dialéctica com a consciência que o define — e nunca abstraído dela, como o pretendeu o materialismo metafísico. O que é dizer que, se a noção de matéria é inseparável da de consciência (pois é um *conceito)*, e se pode, em teoria, derivar de qualquer um desses termos para o outro, a *práxis* só autoriza que o façamos partindo do de matéria para o de consciência — e é a isso que chamamos materialismo histórico. Mas, sendo impossível conceber a elisão de um e outro, é pura extrapolação o admitir-se que o conhecimento integral e absoluto do mundo seja algum dia possível, pois isso implicaria a existência duma testemunha exterior ao processo. E se os teístas não têm dúvidas em alienar a sua própria consciência concebendo desse modo Deus, os materialistas dialécticos recusam-se evidentemente a isso, pela simples razão de que, apoiados na exactidão da *práxis*, só podem considerar um descaminho o trocar-se o racionalismo pelo irracionalismo. Daí que a metafísica não tenha, para eles, qualquer sentido como forma de conhecimento sistemático, muito embora admitam que possa reflectir incidentalmente o real.

Há, porém, um outro tipo de conhecimento que se furta à alçada da *práxis* e nem por isso é irrelevante: o da subjectividade. Com todas as suas distorções e fantasias, ela não só reflecte o real como se constitui num «real» ela própria. A sua força de persuasão pode ser tão intensa que dela derivam os idealistas filosóficos todo o seu conceito de real, recusando para a sua destrinça o critério da *práxis*, como é óbvio. A prevenção que o materialista dialéctico deva ter contra isso (e fundadas razões históricas

Continua na página 2

A FALA DE UM ÍLHAVO

Conforme nestas colunas referimos, foi inaugurado, em 18 de Dezembro do ano findo, o edifício-sede dos Pilotos da Barra de Aveiro. As palavras que damos agora à estampa — expressão muito fiel do sentir ilhavense — foram então proferidas pelo ilustre Presidente do Município de Ílhavo e nosso distinto colaborador

DR. AMADEU CACHIM

QUANDO alguém vive, desde pequeno, em ambiente náutico, acompanhando os sofrimentos e as alegrias dos que no mar labutam, integrando-se, por assim dizer, em todos os assuntos relacionados com a sua vida, não pode, de forma alguma, alhear-se dos problemas marítimos, nem tão-pouco deixar de sentir tudo quanto ao mar diga respeito.

Mas, quando esse alguém é oriundo de famílias de marinheiros, quando sentiu, na sua própria alma, as amarguras duma partida, as preocupações e ansiedades duma viagem demorada, as dores dum naufrágio, a satisfação duma chegada a porto de salvamento, então pode dizer-se que esse alguém é marinheiro por atavismo e que toda a sua vida se sente embalada pelo feiticismo do mar, que o atrai, o empolga, o subjuga.

Na generalidade, é assim o filho de Ílhavo.

Pode o destino fazê-lo seguir por caminhos afastados do litoral, que sempre encontrará, na sua rota, um pequenino fio de água a fazer-lhe lembrar o grande oceano, do qual fala com entusiasmo, com saudade, com orgulho.

E é contagiante a maneira como se exprime.

Parece que o mar lhe pertence e lhe dá ânimo para combater.

Então, fala alto, barafusta, protesta, critica, diz mal.

Mas não guarda ressentimentos nem rancor, é bom e generoso e está sempre pronto a auxiliar as boas iniciativas, os nobres ideais e todas as obras de solidariedade e

Continua na página 6

Manifestações de Vida EXTRATERRENAS

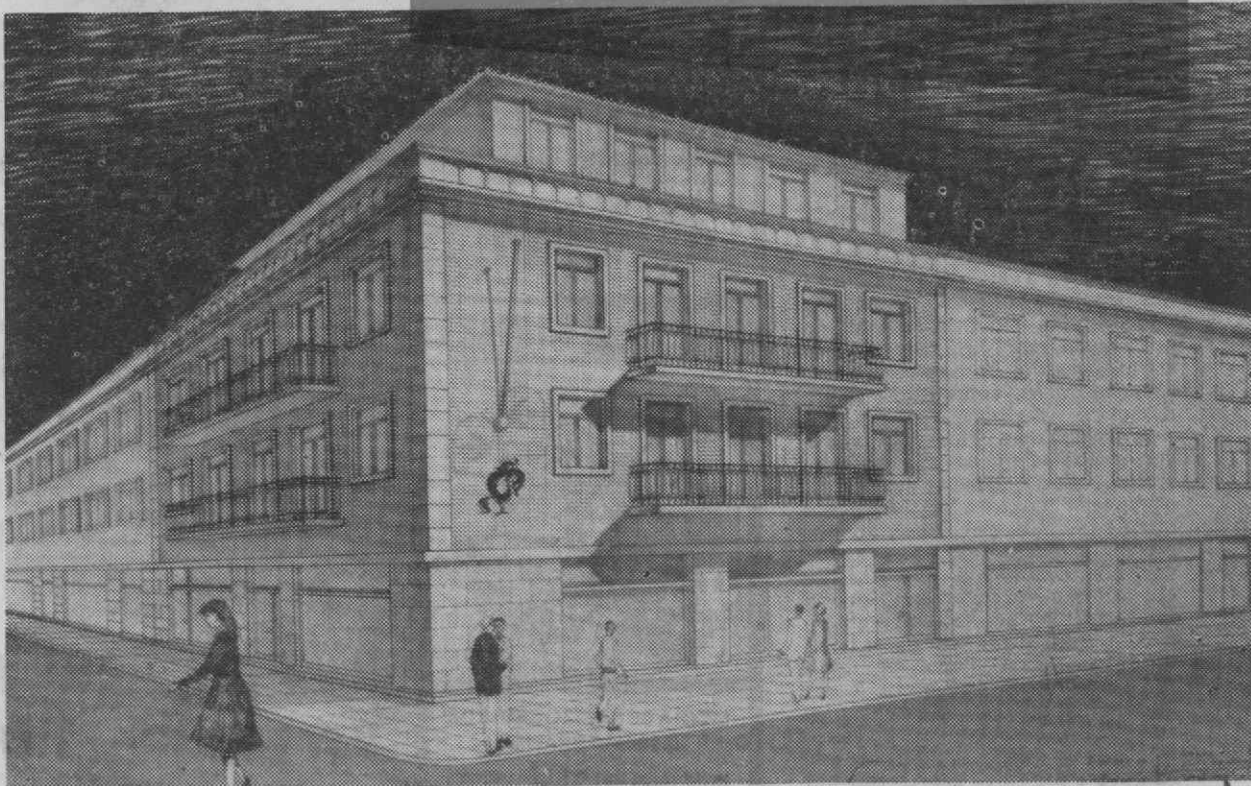
HOMENS da investigação científica trabalham presentemente, em distintos pontos do Globo, com o mesmo objectivo: provar a existência de vida no espaço, isto é, noutros planetas semelhantes à Terra. É fácil, através da metafísica, chegar à negação do monopólio terrestre da vida; é difícil fazer a prova física da existência de vida fora da Terra. Todavia, muitas conquistas da ciência e da técnica tiveram origem nas meditações dos filósofos. Pela especulação, no campo abstracto das ideias, tem-se promovido o progresso na senda do conhecimento. Não devemos esquecer-nos de que puras efabulações filosóficas de Hiparco, Lencipo, Demócrito, Kant, Flammarion e outros pensadores, se transformaram, um dia, em factos da ciência positiva.

No Canadá, nos Estados Unidos e em França, ilustres cientistas afirmam-se habilitados a provar a existência de vida fora do nosso planeta. No primeiro dos referidos países, os drs. Gordon Hodgson e Bruce Ubaker julgam ter descoberto vestígios de clorofila em quatro fragmentos de um meteorito caído há um século na crusta terrestre. Cientistas franceses colaboram nas investigações, pois o meteorito em questão precipitou-se em território francês.

Nos Estados Unidos, foi o dr. Fred M. Johnson, chefe

Continua na página 6

UMA CRÓNICA DE ALVES MORGADO

GALITOS Antevisão da nova sede do Clube dos Galitos: um «poleiro» que será digno dos pergaminhos da gloriosa colectividade aveirense — se os aveirenses assim quiserem. Mas nós não temos dúvidas : assim o querem, com certeza, todos os aveirenses ! Nós não temos dúvidas !

ENSAIOS SOBRE A FÉ

Continuação da primeira página

tem ele para tanto!) não o autoriza a subestimar, contudo, o que na subjectividade é reflexo autêntico do real, se bem que extraviado em suas implicações, quando é o caso, e o que nela é *sempre* contribuição para o conhecimento psíquico do homem. Os desejos, os sonhos, as evasões, os delírios, as alienações, os tropismos, as alucinações, os afectos, as criptoestesias, os impulsos, as fantasmagorias humanas são uma «realidade» para quem os experimenta, que nem por ser subjectiva é menos significante da natureza humana. Ignorá-la, repeli-la, submetê-la à normatividade rígida duma concepção esquemática da vida e duma noção estatística de normalidade seria reduzir o nosso sentido do humano ao *homo faber*.

De acordo, pois, — e por um lado — em que o mundo não é um *habitat* precondicionado do homem, mas um meio de que ele se apropria a golpes de lucidez e de audácia, através dos quais o transforma e a si mesmo, evolutivamente, se faz. E de acordo — por outro — em que a subjectividade é uma força poderosa, fonte do conhecimento ele próprio e filão inesgotável de «possíveis» em que emoções, ideias, intuições, sentimentos e volições representam um valor virtual de que ninguém poderá fazer o balanço *a priori*. O que o homem objectiva de si mesmo em cada dia que vive é apenas uma parcela ínfima desse tesouro oculto. Atenção, pois: o real não esgota, nem por sombras, o homem. Se o duvidam — e só poderá fazê-lo quem se tenha esquivado à intimidade consigo mesmo — , perguntem-no aos surrealistas, por exemplo. E se vos parecerem risíveis as suas «excentricidades», sigam o conselho que Franco Fortini dá no seu livro *Il Movimento Surrealista* (Garzanti) — e revejam, mentalmente, as «extravagantes» parangonas com que os diários noticiaram, não há muito: *A Cadela Espacial Está Viva E Passa Bem*... Quem foi o surrealista que mandou tal poema às agências noticiosas?!...

Só pacificando ou satisfazendo a sua subjectividade é que muitos homens conseguem, entre lutas íntimas e tão árduas como inevitáveis, assomar à janela que dá para o mundo, a fim de o redescobrirem. Também nisso a biografia de muitos surrealistas, como hoje a de vários existencialistas, é bem elucidativa. Recorde-se apenas Eluard, Aragon e Sartre. Tudo o que eu pudesse dizer, tomando como ponto de partida este símil, sobre o melindre que assume a subjectividade religiosa seria mais precário ainda, uma vez que esta não sai nunca para fora de si mesma com a nitidez expressiva que caracteriza a arte. Mas o que é lícito deduzir da experiência pessoal dos que já foram crentes e dos testemunhos que outros nos deram sobre a sua própria Fé garante-nos que o problema não só é congénere do anterior mas o ultrapassa em complexidade até. Dos místicos aos falsos crentes, dos ateus aos agnósticos, dos teístas aos deístas, dos supersticiosos aos ocultistas, dos confusionistas aos paradoxais, a gama é impensável. E, pelas suas malhas e meandros, caminham legiões de homens que não puderam ou não souberam dar uma forma às suas opiniões e por isso constantemente oscilam entre as dos demais.

Do ponto de vista que aqui me interessa, porém, o importante é assinalar que o ateísmo é só uma condição negativa, ou primária, dum caminho a que importa descobrir um horizonte que afirme. Só se nega Deus porque alguém o afirmou. E se esse alguém fomos nós próprios, em fase anterior da nossa vida, negá-lo é negarmo-nos como passado. É empobrecermo-nos, portanto, como atrás já indiquei ao referir-me à minha própria experiência. Mas é empobrecermo-nos *se quedarmos aí*. Com efeito, toda a negação contém uma afirmação parcial. Negar Deus é afirmá-lo ainda, por conseguinte, e seccionar o homem em duas metades que conflituam entre si, se alienam por vezes, ou estabelecem um armistício precário mediante a ironia. Qual delas irá prevalecer, no futuro? É isso que explica o retrocesso de alguns ateus à sua Fé inicial. Mas negar a negação de Deus não é voltar a afirmá-lo, é sim ultrapassar a antinomia que teísmos e ateísmos representavam e *atingir a síntese que afirma o homem, criador e negador de Deuses*. À negação que afirmava substitui-se a afirmação que nada nega porque tudo inclui. Daí que eu chame Fé ao meu humanismo abstracto e restrinja a designação de Ideal ao meu humanismo concreto ou imediato.

Pode «roubar-se» a Fé a um crente. Pode «roubar-se» a ausência de Fé a um ateu. Mas ninguém pode «roubar» a Fé a um humanista! Essa a sua força, esse o seu sempre perene e disponível futuro que fez da sua Fé a mais rica que algum dia o homem pôde ter! O teísta diz-lhe: Deus existe. E o humanista responde-lhe: existe, sim, existe dentro de ti como aspiração, como sentimento, como ideia, — como alienação. O ateísta diz-lhe: Deus não existe. E o humanista responde-lhe: decerto que não, mas tu, ó coisa pequena!, ó homem truncado!, tu não vês que se podes afirmar ou negar Deus é porque tu próprio és a medida de tudo o mais? Então, por que esperas para te veres tal qual és?

Conclui-se daqui que só posso ter pena, uma enorme pena das pessoas que rejubilam porque Fulano se converteu ao Catolicismo, por exemplo, ou porque Cicrano se passou para o ateísmo, também por exemplo... Como se isso tivesse, por si só, qualquer importância! Ser homem é a única coisa que vale. E por isso os pequenos roedores se afadigam tanto em procurar destroçá-lo... Para o humanista, a verdadeira obra da sua vida é ele próprio como elo duma cadeia infinda que o liga, em comunhão humana, a um passado, um presente e um futuro. Ponham-no no potro ou dêem-lhe a cicuta, façam-no abjurar como a Galileu ou tornem-no herói como a Lumumba, assobiem-no ou escarrem-lhe, — e só estareis a colaborar com ele no grande ensaio que é a vida do homem. Podeis tripudiar, se lograis, por momentos, amarfanhá-lo. Mas em vão! Ei-lo que se reergue como o *Galileo Galilei* de Bertolt Brecht! E mais rico do que nunca! Ser homem não é, assim, um meio apenas de chegar ao céu ou à mesa-posta: é um fim em si mesmo, como o diz o título dum livro de ensaios de Alberto Moravia. E um fim que não seria fim sem a morte. Daí que também ela tenha a sua missão e o seu lugar no humanismo verdadeiro.

Ao apontar a necessidade de criarmos, dentro de nós, uma filosofia viva em que teoria e prática sejam inseparáveis,, eu limitei-me a fazer, assim, uma profissão de Fé de humanista. De pequeno humanista, mas de humanista. Mas há que compreender que quem tenha sido educado na alienação religiosa possa ter de passar, antes disso, por uma fase de dramática negação. E, a esses, só podemos ajudá-los fazendo como Romain Rolland fazia ao receber, no desalinho da sua intimidade — para que assim perdessem todas as reservas — , os jovens que o procuravam. Intencional e metódica, mas guardando todo o calor humano que é possível deixar no que nos exterioriza, esse desalinho, em cultura, chama-se ensaio. Há lá palavra mais bonita! Ou fim mais digno: reaprender todos os dias a vida, sem que se perca o fio que nos prende a um caminho...

É bom lembrar, portanto, que estou escrevendo ensaios e não artigos doutrinários, os quais são, muitas vezes, fórmulas vazias que enchem o papo aos mais pimpões, mas deixam o homem fora de portas. Dou-me neles tal qual sou, deixando aos outros o cuidado de me corrigirem quando houver margem para isso e reservando-me a liberdade de aceitar dessas críticas o que reputar justo. Admito, assim, que me digam, por incompreensão: se a Fé é o nome que toma o seu Humanismo Abstracto, não será que você está a dar um outro nome a Deus? E eu respondo antecipadamente que não, pois nenhum conceito de Deus lhe corresponde nem pode corresponder. Mas concordo, isso sim, em que estou a dar um nome *à intuição de unidade cósmica* de que derivou, por alienação, o conceito de Deus. Estou, portanto, a restituir ao homem o que as religiões e os ateísmos históricos lhe subtraíram. Livre é, cada um, de me acompanhar nisso ou não. Mas só assim eu posso e sei acompanhar os outros. E nunca faltei a isso.

Encurtando razões e regressando ao que vínhamos: esclarecido ficou, suponho,que há uma problemática que pertence ao foro íntimo ou privado e outra que diz respeito ao foro geral ou comum. Ou seja: uma, que é da pessoa; e, outra, que é do cidadão. Há que distingui-las. Mas há também que mantê-las solidárias através duma dialéctica que é diversa em cada caso, mas encontra, em todos eles, um denominador comum. A posteridade jamais perdoou às épocas que não puderam ou souberam encontrar uma solução ampla e correcta para esse problema, — fossem elas a de Giordano Bruno ou a de António José da Silva, a de Anne Frank ou a dos formalistas russos.

No caso vertente, outra distinção há, contudo, que sobreleva essa: a que situa, dum lado, teístas e ateístas como tais; e, do outro, os interesses sociais que individualmente representam, para aquém ou para além das suas convicções religiosas. Todos sabemos que há operários católicos, camponeses católicos, pequeno-burgueses católicos, banqueiros católicos, latifundiários católicos, reis do petróleo ou do aço católicos (por exemplo); e que há operários ateus, camponeses ateus, pequeno-burgueses ateus, banqueiros ateus, latifundiários ateus, reis da indústria pesada ateus (por exemplo também). Ora, a mola real da evolução histórica reside,não na superestructura ideológica, qualquer que seja, mas nas contradições que a infraestructura económico-social estabelece entre os meios de produção e as relações de propriedade respectivas, as quais, a partir de certo momento, criam conflitos de tal modo insanáveis que só uma nova organização social pode resolvê-los. Já vimos ser àquele nível que se gera a alienação, em sentido histórico. Mas já vimos, também, que a desalienação operada nalgumas regiões do mundo pode reflectir-se, noutras, sob a forma de amortecimento da alienação como sistema inabalável e coercivo, tornando desse modo possível um primeiro passo de emergência do homem para a plenitude. E entre os que o sintam e reconheçam que um diálogo pode ter sentido. Mas é também na ausência dos que o sintam e reconheçam que o inverso pode apresentar-se como «verdade» provisória. Retomaremos, mais tarde, o assunto.

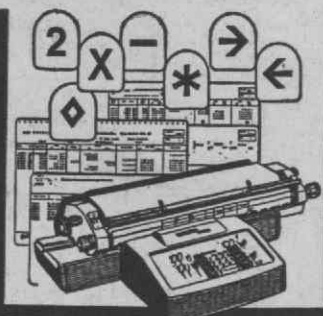
E experimentemos, agora, inverter a reflexão com que abrimos estas linhas. Sigamos este raciocínio: se é facto poder o homem conhecer o mundo e ampliar a cada passo esse conhecimento ou preencher as lacunas que foi deixando para trás; e se é inverosímil ter sido a natureza tão «sábia» que criasse nele um embrião de omnisciência: não será legítimo pensar que a consciência humana, ao contrário do que teólogos e naturalistas dizem (embora de maneiras diferentes), foi incriada, sendo o que chamamos real tão ilusório em sua aparente consistência e coerente especificidade, como o é o «real» da subjectividade?; ou, inversamente, que o «real» da subjectividade é tão autêntico como o real do mundo objectivo? — Quem partir deste ponto de vista (nuanceando-se embora dentro dele), entra na dinastia histórica dos idealismos filosóficos. E se, entre essas nuances, se quedar na que data, situa e define o indivíduo cognoscente (ou seja, o sujeito) pelos momentos em ele se descobre existindo através dum aglomerado de relações suscitadas por outros sujeitos (sujeitos-objectos) e por miríades de objectos, chegará à dos existencialistas.

Não considero essas perscrutas ilegítimas ou inúteis, muito embora as rejeite pelo que me diz respeito. E não as considero ilegítimas ou inúteis por razões que, noutro contexto, já referi: é seguindo hipóteses, mesmo *a contrario sensu*, que se encontra, por vezes, um bom ângulo de reflexão do real. Leiam-se, por exemplo, os fragmentos filosóficos que chegaram até nós de Zenão de Eleia e que pretendem demonstrar, pelo absurdo, a impossibilidade do movimento: nove vezes encontrareis neles a conjunção *se* conduzindo ao paradoxo o que todos reputamos a própria evidência. Trata-se dum mero artifício lógico, duma ironia transcendente? Decerto. Mas deles derivou coisa tão pouca como o cálculo infinitesimal! Ninguém diga, portanto, que uma especulação filosófica é necessàriamente irrelevante só porque põe em causa uma tradição de verdade já carrilada pelo homem. E, pelo que se refere ao existencialismo, é preciosa a sua contribuição, sobretudo no capítulo referente ao conhecimento da subjectividade. Nada tenho, portanto, contra o existencialismo filosófico em si mesmo, embora o possa ter (depende da situação concreta) contra algumas das suas implicações sociais.

Mas pergunto: pode servir-nos uma filosofia que interprete o mundo sem que o possa transformar? Não é isso contraditório com o conceito de filosofia viva, que atrás recolhi, de Sartre? E pode uma filosofia que se isole ao nível do individual ser uma filosofia com essa capacidade? Não é um ser eminentemente social, o homem? Tão social que Robinson Crusoe só pôde sobreviver, na sua ilha, recorrendo à experiência que anteriormente colhera da vida em sociedade? Não é verdade que ninguém pode negar que, para além do indivíduo, há agregados humanos que se chamam família, classe social e nação, por exemplo? E não é certo que, se tais agregados existem, eles não podem ser um mero somatório de indivíduos, mas formas colectivas de vida em comum que condicionam o indivíduo e criam laços de sangue ou de ideologia, os quais definem formas de sentir ou de pensar que são idênticas às de outros indivíduos? E não é seguro, também, que entre a minha subjectividade e a de outrem medeia algo que a noção de intersubjectividade não preenche por si só?

Comecemos por este último aspecto: chegou a minha casa o número do *Litoral* em que Eduardo Carvalho Matos me fez, com elegância e cordealidade, alguns reparos ao meu penúltimo ensaio. Li-o, apreciei-o, ponderei-o. Seguidamente, sentei-me à mesa e apensei este comentário ao ensaio que já escrevera para o presente número. Ao concluí-lo, vou meter as folhas num envelope e mandá-las ao Director do jornal. Este lê-as, enquadra-as no seu plano do número e manda-as para a tipografia. Um operário-tipógrafo, excelente homem que faz com as mãos o que eu faço com o cérebro, compõe-as e manda-me uma prova. Corrijo-a, devolvo-a, o tipógrafo volta a mexer no que eu pensei, o revisor do jornal verifica, as minhas ideias passam para o prelo, são multiplicadas por x exemplares e um deles, levado pelo carteiro após a intervenção de quem dobrou o jornal, o franqueou e o expediu, chega a casa de Eduardo Carvalho Matos, que o lê. Entre a minha subjectividade e a sua quantas mediações se interpuseram! E quantas delas susceptíveis de adulterar ou impossiblitar, até, a comunicação!

Há, portanto, um mundo objectivo que é independente do nexo sujeito-objecto que me define e do nexo sujeito-objecto que define Eduardo Carvalho Matos. E é nesse mundo objectivo que cristalizaram, justamente, as aquisições históricas da humanidade, as quais condicionam um estado de necessidade que limita a minha e a sua liberdade pessoais e nos obriga a enquadrá-las nas leis objectivas desse mundo. Mas enquadrá-las, — para quê? para carrear, tão só, o pedregulho de Sísifo? De certo que não. Se o destino do homem fosse esse, a história não resultaria, como resulta, num devir, e as gerações passadas teriam deixado o mundo tal qual o encontraram. Não teriam cristalizado, nele, o que herdámos e que o nosso conhecimento das leis permite transformar em novas cristalizações que o futuro retomará. O «possível» de ir à Lua, por exemplo, esteve entre aspas durante séculos e foi um entretenimento apenas da imaginação, com Júlio Verne e Wells, por exemplo. Mas o homem vai arrancar-lhe, dentro em breve, as aspas e dizer: o «possível» gerou o possível. Mas o «possível» de descer aos Infernos, como Orfeu, para salvar Eurídice, poderá tornar-se, algum dia, um possível sem aspas? E, não obstante, ele é subjectivamente um «real» para a nossa imaginação (basta dar-lhe a ler ou a reler Vergílio e Dante) e há séculos que os homens o revêem e recriam. Se cada homem pudesse inventar, como diz o articulista, uma vida diferente da de todos os outros homens e uma filosofia inteiramente pessoal, então os «possíveis», ao contrário do que reconhece ser exacto, seriam todos possíveis à escala dos milhões e dos milénios, e a filosofia que expõe deveria ser radicalmente diferente da de Sartre, Husserl ou qualquer outro que cite.

Admito o existencialismo como ensaio da subjectividade, dúvida metódica ou método de passagem do particular para o geral. Aliás, o próprio Sartre o considera, desde 1961 pelo menos, um *enclave* do materialismo dialéctico. Mas pode alguém deixar de aderir à noção de que o verdadeiro conhecimento é um acto criador pelo qual o real é não só apreendido mas transformado por nós?

MÁRIO SACRAMENTO

SAVECOL - Sociedade Aveirense de Construções Civis, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL
DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de dezasseis de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete, exarada de folhas 71 verso a 75 do livro de «escrituras diversas» número A-Quatrocentos e Vinte e Quatro, deste Cartório, outorgada perante o notário Licenciado João Caetano Nunes Guerreiro, foi constituída entre D. Deolinda da Conceição Tavares Amaro, José Manuel de Sousa Costa e Vasco Marques Ferreira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regulada, nos termos dos artigos seguintes:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «SAVECOL — Sociedade Aveirense de Construções Civis, Limitada» e tem a sede nesta cidade, provisòriamente na Rua de Ílhavo, número trinta e oito, primeiro.

Artigo Segundo—O objecto é a indústria de construção civil e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade delibere explorar, por acordo unânime dos sócios.

Artigo Terceiro — A duração é por tempo indeterminado, com início em dois de Janeiro do corrente ano.

Artigo Quarto — Um — O capital social integralmente realizado, é de quatrocentos e cinquenta contos e corresponde a três quotas iguais, de cento e cinquenta contos. cada, pertencentes a cada um dos sócios.

Dois — As quotas dos sócios Deolinda da Conceição Tavares Amaro e José Manuel de Sousa Costa estão representadas pelas máquinas e viaturas constantes do balanço inicial e a quota do sócio Vasco Marques Ferreira está representada em dinheiro.

Artigo Quinto — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital, desde que a respectiva resolução seja aprovada por todos os sócios, em assembleia geral expressamente convocada para o efeito.

Artigo Sexto — A cessão total ou parcial de quotas, entre os sócios, é livremente consentida; a cedência a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, sem prejuízo do seu direito de preferência.

Artigo Sétimo — UM — A gerência será exercida por qualquer sócio ou por pessoas estranhas à sociedade que nela também poderão representar um gerente, desde que num e noutro caso haja acordo unânime dos sócios.

Dois — A gerência, dispensada de caução, será eleita em assembleia geral onde serão fixadas as condições de retribuição, se nisso houver conveniência.

Três — A sociedade obriga-se em juízo e fora dele, activa e passivamente, pelas assinaturas de dois gerentes.

Quarto — Aos gerentes é expressamente proibido o uso da denominação social em actos e contractos que não respeitem à sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e semelhantes.

Cinco — Para que a sociedade fique obrigada em actos que não constituam pròpriamente o seu objecto é indispensável a intervenção, no mínimo, de dois sócios.

Artigo Oitavo — Um — Salvo os casos em que a lei exija formalidades especiais, as reuniões dos sócios serão convocadas por cartas registadas, enviadas com a antecedência mínima de oito dias.

Dois — A assembleia geral reunirá uma vez por mês.

Artigo Nono — UM — No caso de falecimento, interdição ou inabilitação de um dos sócios, a sociedade continua com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito ou inábil, os quais, entre si, designarão um que a todos represente na sociedade.

Dois — No caso de falecimento, interdição ou inabilitação da sócia Deolinda da Conceição Tavares Amaro, a respectiva quota será adjudicada ou representada, conforme o caso, pelo seu marido Joaquim de Oliveira Cruz.

Três — Na hipótese do indicado Joaquim de Oliveira Cruz já ter falecido, a sociedade reserva o direito de amortizar a quota daquela sócia, nas condições a estabelecer, no artigo décimo, ou de continuar com os seus herdeiros ou representantes.

Artigo Décimo — Um — Qualquer dos sócios pode requerer a saída da sociedade, comunicando a sua intenção, por carta registada dirigida à sociedade.

Dois — A sociedade reunirá, depois de feitas as convocações legais, no prazo de sessenta dias a contar da notificação, e deliberará, por simples maioria, se deve amortizar a quota ou dissolver e liquidar a sociedade.

Três — Se optos pela amortização da quota, o valor desta será calculado pelo balanço de trinta de Dezembro imediato, depois de aprovado, e o pagamento será feito em quatro prestações semestrais, sem juro, vencendo-se a primeira prestação na data da aprovação do balanço.

Quarto — No caso de dissolvição, serão liquidatários todos os sócios, ou os seus representantes, que procederão à partilha, conforme acordarem e for legal.

Artigo Décimo Primeiro — Fica vedado aos sócios, por si ou interposta pessoa:

a) Exercer qualquer ramo de comércio ou indústria idêntico aos explorados pela sociedade, sob a cominação de a indemnizar pelos prejuízos causados.

b) Praticar actos contrários ao pacto social, sob a cominação da sociedade poder amortizar a sua quota, nos termos do artigo décimo.

Artigo Décimo Segundo — A sociedade interessará nos resultados da gestão os seus colaboradores mais directos, sempre que a situação económica e financeira o permita e a qualidade do seu trabalho o justifique.

Artigo Décimo Terceiro — A distribuição dos lucros líquidos far-se-à proporcionalmente às quotas dos sócios e à retribuição certa anual auferida pelos gerentes e colaboradores que a sociedade delibere distinguir.

Artigo Décimo Quarto — Os casos omissos serão regulados pelas disposições regularmente tomadas.

Está conforme ao original, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, vinte e cinco de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete.

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral ★ Ano XIII ★ 4-2-967 ★ Nº 639

SECRETARIA NOTARIAL
DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de doze de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete, de folhas dezoito verso a vinte verso, do Livro próprio número Quatrocentos e Cinquenta e Um-A, outorgada perante o notário deste primeiro Cartório, Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi aumentado o Capital da sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, que usa a firma «Albano & Garcia, Limitada», com sede nesta cidade de Aveiro, em trezentos e cinquenta contos, subscritos e totalmente realizados pelos seus dois únicos sócios Albano Ferreira e Peguerto Garcia, em partes iguais de cento e setenta e cinco contos; e que, em consequência, foi, também, alterado o artigo terceiro do Pacto social e adicionado ao mesmo Pacto um novo artigo, que é o Décimo Primeiro, passando aquele e este a ter as seguintes redacções:

TERCEIRO — O capital social, já inteiramente realizado, em dinheiro, é do montante de quatrocentos mil escudos, dividido em duas quotas de duzentos mil escudos cada uma e subscritas uma por cada um deles, sócios Albano Ferreira e Peguerto Garcia.

«DÉCIMO PRIMEIRO — Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência».

Está conforme ao original, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida, que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, vinte de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete.

O Ajudante,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral ★ Ano XIII ★ 4-2-967 ★ N.º 639

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	ALA
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVENIDA
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Pela Câmara Municipal

● Foi aprovado, para efeito do pagamento ao empreiteiro da obra de «Reparação do C. M. 1 520, entre a E. M. 584 (Rego da Venda) e a E. N. 235 — 1.º troço», um auto de medição de trabalhos, na importância de 64 655$00.

● Foi elaborado, e aprovado pela Câmara, um estudo urbanístico de um sector rural, a sul da Igreja de Oliveirinha, a fim de permitir a construção de habitações no local.

Morte, na Barra, de dois pescadores

Na terça-feira, cerca das 14.30 horas, junto à entrada da barra, entre o Molhe Sul e a «Meia-Laranja», quando andavam na pesca do robalo uma meia-dúzia de bateiras, uma delas voltou-se, batida por súbito e fortíssimo golpe de mar.

Dos seus três tripulantes (todos eles pescadores do bacalhau na Terra Nova e Gronelândia, que aproveitavam o intervalo entre duas campanhas bacalhoeiras para se empregarem noutra actividade que lhes proporcionasse mais alguns proventos), apenas um conseguiu agarrar-se ao casco da embarcação e, assim, salvar a vida: o sr. Arquimínio Marquinhos Lino, de S. Jacinto. Os seus colegas — o arrais Henrique Nunes da Silva Sousa, de 33 anos, casado, natural da Torreira, e Domingos José Ruela Júnior, casado, de 39 anos, natural desta cidade — não tiveram a mesma sorte e foram logo arrastados pela corrente vasante, não voltando a ser vistos, apesar das aturadas pesquisas feitas, mal se soube do trágico acidente, por diversas unidades de socorro da Junta Autónoma do Porto e do Posto de Socorros a Náufragos.

A bateira naufragada deu à costa, cerca das 17 horas, na praia do Farol — mas não apareceram ainda os corpos dos inditosos pescadores desaparecidos, que deixam quatro e seis filhos menores, respectivamente.

Noticiário Religioso

XIII Curso de Cristandade

Termina hoje, nesta cidade, o XIII Curso de Cristandade (para homens) da Diocese de Aveiro, iniciado, em Mira, na passada quarta-feira.

A sessão de encerramento realiza-se no Seminário de Santa Joana Princesa, sendo presidida pelo venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

Solenidade das «Quarenta Horas»

Começa amanhã, na igreja da Vera-Cruz, a solenidade das «Quarenta Horas», com o seguinte programa:

Dia 5 — Às 12 horas, missa solene, procissão e exposição do Santíssimo Sacramento; às 17 horas, sermão e bênção.

Dia 6 — Às 14.30 horas, exposição do Santíssimo; às 17 horas, sermão e bênção.

Dia 7 — Às 14.30 horas, exposição do Santíssimo; às 17 horas, missa solene, procissão e encerramento.

Prègará durante os três dias o Rev.º Padre Armando Martins, professor do Seminário de Santa Joana Princesa.

«Entrega de Ramos»

Na freguesia da Vera-Cruz, foram escolhidos para a Irmandade do Santíssimo Sacramento, no ano em curso, os seguintes mordomos: Francisco Passos da Cruz (Juiz), Joaquim Pereira Júnior (Escrivão), Bernardo da Naia Sardo (Tesoureiro), D. Rosa Andias Ferreira (Mordomo do Altar), João Simões dos Reis, Saul José da Maia Dias, João de Pinho Reis Neves, Dr. Manuel Inocêncio Estrela Esteves, Vítor Manuel da Silva Lopes, D. Maria da Apresentação Andias Gonçalves da Loura, menina Maria da Soledade da Costa e Silva e menina Alda Maria da Cruz Simões.

Confraria do Santíssimo Sacramento

Tomaram posse os novos membros directivos da Confraria do Santíssimo Sacramento, na freguesia da Glória, eleitos para o triénio 1967-1969. São os seguintes:

Provedor — Aníbal Ferreira Canha. *Secretário* — Alberto da Silva Justiça. *Tesoureiro* — Paulo Gamelas Matias. *Vogais (efectivos)* — José Rodrigues Vieira, João Afonso do Casal e Eng.º José de Magalhães e Meneses (Villas-Boas). *Vogais (suplentes)* — Manuel Pereira Marques Pessegueiro, António Maria Duarte Gamelas e José Matias Vieira.

«Procissão das Cinzas»

Na próxima quarta-feira, dia 8, realiza-se a tradicional «Procissão das Cinzas» — que marca, nesta cidade, o início do período quaresmal.

De manhã, na igreja de Santo António, haverá missa, com imposição das cinzas, às 7.30 horas. De tarde, sairá a procissão, pelas 14.30 horas — no seguinte itinerário: ruas de Castro Matoso, Eça de Queirós, Combatentes da Grande Guerra e Coimbra; Ponte-praça; Rua de Viana do Castelo; Avenida do Dr. Lourenço Peixinho; ruas de Agostinho Pinheiro, Fernão de Oliveira e Manuel Firmino; Largo da Apresentação; Rua do Sargento Clemente de Morais; Praça do Peixe; ruas de Trindade Coelho e João Mendonça; Ponte-praça; ruas do Clube dos Galitos, José Rabumba e Homem Christo Filho; e Avenida de Araújo e Silva.

Nova «Operação Stop»

A P. S. P. de Aveiro efectuou nova «Operação Stop», com postos de intercepção montados no Eucalipto, na passagem de nível de S. Bernardo e da Forca, em Esgueira e na Estrada da Barra.

Esta «Operação Stop», realizada das 14 às 17 horas do dia 31 de Janeiro findo, ocupou 3 graduados e 22 guardas da P. S. P. de Aveiro, tendo sido fiscalizados 1 337 veículos (330 pesados, 694 ligeiros e 313 velocípedes).

Na fiscalização realizada registaram-se sòmente cinco infracções por falta de documentos e uma por falta de chapa com a indicação de nome e morada.

Visita de Estudo de Universitários Portuenses

Acompanhados pelo sr. Eng.º José António de Castro, Assistente da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, visitaram, em Cacia, as instalações fabris da Companhia Portuguesa de Celulose, na manhã da última segunda-feira, os alunos finalistas do Curso de Engenharia Química daquela Universidade.

De Aveiro, os universitários portuenses seguiram para Lisboa, a fim de efectuarem outras visitas de estudo a unidades fabris da capital.

Bailes de Carnaval

— DOS «BOMBEIROS NOVOS»

Hoje, com início às 21 horas, no Teatro Aveirense realiza-se o tradicional Baile de Carnaval que a prestimosa Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» oferece, no Sábado Gordo, aos seus sócios e respectivas famílias.

A festiva reunião é este ano abrilhantada pelos seguintes conjuntos musicais: «Orquestra Meis», do Porto, e «Orquestra Danúbio», de Aveiro.

— Do BEIRA-MAR

Na segunda-feira, e em organização da Tertúlia Beiramarense, realiza-se o Baile de Carnaval todos os anos oferecido aos sócios do Sport Clube Beira-Mar e suas famílias.

A festa, em que actuam duas afamadas orquestras, efectua-se no Teatro Aveirense, principiando às 21.30 horas.

Vida Associativa

— Associação de Futebol de Aveiro

Na penúltima quarta-feira, na sede da Associação de Futebol de Aveiro, em cerimónia presidida pelo sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa, Delegado em Aveiro da Direcção-Geral dos Desportos, foram empossados os novos dirigentes, para o ano corrente, daquele organismo. A lista dicou assim constituída:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente* — Dr. António Nunes Neves. *Vice-Presidente* — Dr. Artur Alves Moreira. *Secretários* — Américo Gomes Pimenta e António Leopoldo Rebocho de Albuquerque Christo.

DIRECÇÃO — *Presidente* — Dr. Francisco Gomes da Cruz. *Vice-presidentes* — José Marques Ribeiro e Dr. David Cristo. *Tesoureiro* — Prof. José Valente Pinho Leão. *Vogais* — António Ferreira da Costa, João Rodrigues da Silva (Mineiro) e Décio Ala Cerqueira.

CONSELHO JURISDICIONAL — Dr. Diogo Manuel Vaz Oliveira, Eduardo Ala Cerqueira, Dr. Natalino Martins Serra, Dr. Mário Gaioso Henriques e Dr. Henrique de Albuquerque Souto.

CONSELHO DE CONTAS — José Duarte Gonçalves da Silva, António Lamoso Regal de Castro, Alberto Fernando Baptista de Pinho, Euclides Sousa Marques e Manuel Moreira de Castro.

CONSELHO TÉCNICO — Américo Orlando de Matos, Manuel Fernandes da Silva, José Augusto da Silva, Francisco António Agra Miranda e Manuel Alves Moreira da Costa.

Usaram da palavra, referindo-se àquele acto e ao brilhantismo que atingira, pela presença de elevado número de clubes ali representados, os srs. Dr. António Neves, Dr. Francisco Gomes da Cruz, Eng.º Joaquim Vieira Lousinha (Presidente da Comissão Distrital de Árbitros) e Eng.º João de Oliveira Barrosa.

Em seguida, no Restaurante Galo d'Ouro, realizou-se um jantar de homenagem aos dirigentes que, em representação de Aveiro, terminaram mandatos federativos e àqueles que vão agora desempenhar funções nos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Futebol, respectivamente srs. Alexandre Miranda (Direcção), Dr. Nunes dos Santos (Conselho Jurisdicional), Dr. David de Almeida (Conselho de Contas) e Eng.º Carlos Rodrigues (Conselho Técnico) — dirigentes cessantes; e Alexandre Miranda (Conselho Técnico), Dr. Manuel Homem Ferreira (Conselho Jurisdicional) e Domingos de Oliveira (Comissão Central de Árbitros).

Presidiu, igualmente, o sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa, que encerrou, com judiciosas considerações, a série de discursos feitos pelos srs. Dr. Francisco Gomes da Cruz, Eng.º Carlos Rodrigues, Dr. Manuel Homem Ferreira, Alexandre Miranda e Domingos de Oliveira.

Durante a festiva reunião, foram entregues taças (Sanjoanense e Oliveirense) e placas de prata (Beira-Mar e Ovarense) alusivas aos desafios efectuados no dia da Festa de Vicente Lucas.

— SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO

Foram eleitos, por aclamação, os novos corpos gerentes da Secção de Pesca Desportiva da Sociedade Recreio Artístico, que ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente* — António Gaspar da Silva. *Secretário* — Amadeu de Melo Amador.

CONSELHO FISCAL — *Presidente* — João da Rosa Lima. *Secretário* — Aníbal Miguéis. *Vogal* — Carlos da Silva Freire.

CONSELHO TÉCNICO — *Presidente* — José Baptista Topete. *Secretário* — José Amaral Pedro. *Vogal* — Eugénio Samico Breda.

DIRECÇÃO — *Presidente* — Jorge Marques Nogueira. *Vice-Presidente* — José Correia Bolhão. *1.º Secretário* — José da Loura Peixinho. *2.º Secretário* — Lúcio de Campos e Santos. *Tesoureiro* — Serafim Soares de Almeida. *Vogais* — Manuel da Cunha Couceiro e António Ribeiro dos Santos.

— SPORT CLUBE BEIRA-MAR

Na terça-feira passada, em cerimónia a que presidiu o sr. Comendador Egas da Silva Salgueiro, Presidente da Assembleia Geral do Sport Clube Beira-Mar, foram empossados os novos elementos do Conselho Geral da prestigiosa colectividade, eleitos, em Assembleia Geral realizada em 27 de Janeiro findo, para o triénio de 1967-1969.

Além dos quatro sócios de mérito do Clube (srs. Eng.º João Ribeiro Coutinho de Lima, Carlos Gomes Teixeira, António Augusto Martins Pereira e Francisco da Encarnação Dias), que estatuàriamente pertencem ao Conselho Geral, foram escolhidos para dele fazerem parte os seguintes associados: José de Pinho Nascimento, José Vieira de Oliveira Barbosa, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Coronel João da Costa Moreira, Eng.º Alberto Dionísio Branco Lopes, Alberto Ferreira Pires, Carlos Manuel Gamelas, Luís Gomes da Costa, José da Costa Portugal, João dos Santos Moreira, Fernando da Costa Pirré, Manuel Francisco Morais, João Francisco Casal, Pompeu de Melo Figueiredo, Dr. Fernando de Oliveira, Alfredo Carlos Almeida Marques, Eng.º António Manuel País de Sousa Pascoal, Rodolfo da Costa Teles, João Matias Vieira e Ulisses Rodrigues Pereira.

Volta ao «Aveirense» a COMPANHIA RAFAEL DE OLIVEIRA

Depois de uma ausência de quase quatro anos dos palcos da Província, a conhecida *Companhia Rafael de Oliveira* — que tantas amizades e tantos sucessos conquistou em Aveiro — volta à nossa cidade, em 23 do corrente mês de Fevereiro, apresentando no Teatro Aveirense a peça «Três em Lua de Mel», de Jorge de Sousa.

Subsidiada pelo Fundo Nacional de Teatro, a *Companhia Rafael de Oliveira* é constituída pelos seguintes actores, muitos deles conhecidos em Aveiro, desde o tempo em que aqui esteve o seu «Teatro Desmontável»: Alexandre Passos, Álvaro de Oliveira, Ana Maria de Andrade António Vilela, Carlos Frias, Ema de Oliveira, Fernando Frias, Fernando de Oliveira, Geny Frias, Gisela de Oliveira, Humberto de Andrade, Idalina de Almeida, Manuela Coimbra e Maria Teresa.

CINE - TEATRO AVENIDA

Sábado, 4 — às 15.30 horas

O Pequeno Saltimbanco — uma película espanhola, com o famoso Joselito.

Para maiores de 6 anos.

Sábado, 4 — às 21.30 horas

O Invencível Cavaleiro Mascarado — um filme italiano, de aventuras de «capa e espada», com Pierre Brice, Gisella Arden, Helène Chanel e Massimo Serato.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 5 — às 15.30 e às 21.30 h.

Uma Hora de Amor — um filme português de Augusto Fraga, com António Calvário e Madalena Iglésias.

Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 7 — às 15.30 e às 21.30 h.

O Tesouro dos Incas — uma produção italiana de aventuras, em *Technicolor* e *Cinemascope*, com Pierre Gressoy, Ana Maria Polani e Tony Sailer.

Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 9 — às 21.30 horas

Diabruras de Jane — uma divertida comédia americana.

Para maiores de 12 anos.

Faleceram :

SILVERIO DOS SANTOS COSTA

No Hospital de Ílhavo, para onde fora transportado após grave acidente de viação ocorrido na estrada do Boco, freguesia de Soza, onde residia, faleceu, no dia 28 do mês findo, o sr. Silvério dos Santos Costa.

O saudoso extinto, industrial muito estimado e respeitado por suas virtudes e qualidades, deixa viúva e contava 63 anos de idade.

Era pai do sr. Doutor Mário Júlio de Almeida Costa, ilustre Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

TENENTE ALBERTO MENDONÇA

Com larga concorrência de pessoas de todas as camadas sociais, foi a enterrar anteontem, no cemitério de Ílhavo, o sr. Tenente Alberto da Maia Mendonça, que faleceu, na véspera, na sua residência daquela vila.

Durante cerca de vinte e cinco anos, o saudoso extinto foi Delegado em Aveiro dos Serviços de Censura — e sempre dele o *Litoral* recebeu apreciáveis provas de lhaneza e préstimo, já que o sr. Tenente Alberto Mendonça, transcendendo o estrito exercício das suas funções, dava conhecimento de tudo o que pudesse facilitar a vida do nosso jornal, sem quebra do exemplar e zeloso cumprimento das suas obrigações oficiais.

Homem inteligente, em quem, há anos, apreciáramos os raros dotes de eloquência em magníficos improvisos, era, simultâneamente, dado ao coleccionamento de antiguidades no que revelava apreciáveis conhecimentos e sensibilidade!

Exemplar chefe de família, o sr. Tenente Alberto da Maia Mendonça, há muito reformado, contava 75 anos de idade e deixa viúva a sr.ª D. Maria Casimira Gomes da Cunha Mendonça; era pai da sr.ª prof.ª D. Gabriela Mendonça, casada com o Ajudante da Direcção do Distrito Escolar de Aveiro, sr. prof. João Pires da Rosa, da sr.ª D. Maria Iolanda Mendonça de Figueiredo, esposa do sr. Celso de Figueiredo, D. Zídia Maria Mendonça, D. Maria Henriqueta Mendonça Leite, casada com o Capitão da Marinha Mercante sr. José Gonçalves Leite, e dos sr.s António Naia Mendonça, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Oliveira Mendonça, Alberto Maia Mendonça, casado com a sr.ª D. Maria Celeste Paradela Mendonça, e Frederico Maia Mendonça, ausente na América do Norte, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Capote Mendonça; irmão da sr.ª D. Berta Maia Mendonça Mónica, viúva; avô da sr.ª prof.ª D. Maria Gabriela Pires da Rosa e dos estudantes João Manuel e João Alberto Pires da Rosa; de José Alberto, Maria Solange e Maria Frederico Leite, alunos do Liceu, e de Maria Teresa Mendonça, estudante, ausente nos Estados Undios da América; e cunhado das sr.as D. Elvira Gomes da Cunha, D. Silvina Gomes da Cunha Sacramento e D. Isaura Gomes da Cunha Redondo.

MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA SOARES

Em 26 do corrente mês, faleceu na freguesia da Vera-Cruz, nesta cidade, a sr.ª D. Maria da Conceição da Silva Rosa.

A saudosa extinta, que contava 55 anos de idade, deixa viúvo o sr. Jeremias Soares. Era mãe das sr.as D. Maria da Purificação Soares Nordeste, D. Maria Odília da Silva Soares, e dos srs. Manuel da Silva Soares; e sogra da sr.ª D. Maria Eduarda Soares e dos srs. Manuel Picado da Cruz Nordeste e António Jorge Pereira da Silva.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

AGRADECIMENTOS

Maria de Lourdes de Lemos Sobreiro

Sua Família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem agradecer por este meio a todos quantos acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

Maria da Conceção S. Rosa

Seu Marido, Filhos e Genros, impossibilitados de o fazerem pessoalmente, agradecem por este meio a todos quantos acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

Manuel Alves Soares

Sua Esposa, Filhos, Nora e Genro, reconhecidos, agradecem a todos quantos os acompanharam na sua grande dor quando do falecimento do saudoso extinto.

Curso de Preparação dos Noivos para o Casamento

Começa no próximo dia 9 o IV Curso de Preparação dos Noivos para o Casamento.

As lições do Curso serão dadas nos dias 9 16 e 23 de Fevereiro e 2, 9 e 16 de Março às 21.30 horas, na Casa de Santa Zita (Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 113). Podem inscrever-se no Curso os noivos das freguesias da Glória, Vera-Cruz Esgueira e São Bernardo (e outros) que realizem o seu casamento dentro de um ano ou os casados há menos de dois anos.

A inscrição pode fazer-se nos Cartórios Paroquiais e é totalmente gratuita.

Associação Jurídica de Aveiro

Assembleia Geral

Convocatória

Devendo continuar no dia 17 do próximo mês de Fevereiro, às 21 horas, no Salão Nobre do Grémio do Comércio de Aveiro, a sessão ordinária suspensa em 27 de Janeiro corrente, para o mesmo dia, local e hora, convoco a Assembleia Geral a fim de, extraordinàriamente e por eleição, preencher as vagas que existem nos corpos gerentes, de um dos vogais da Direcção e de vogal de Conselho Fiscal.

Se à referida hora não houver número legal de sócios, a Assembleia realizar-se-á uma hora mais tarde, com os presentes.

Aveiro, 30 de Janeiro de 1967

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Jayme Dagoberto de Mello Freitas

Esclarecimento: *O sr. Desembargador Mello Freitas, «não desejando uma reprovação», pede-nos este esclarecimento: no original da convocatória que antecede — que redigiu, assinou e serviu de modelo para a circular enviada aos associados — não escreveu assim «Concelho Fiscal», nem lhe passaram pelas mãos as cópias expedidas.*

FAZEM ANOS:

Hoje, 4 — O sr. João da Costa; as meninas Maria da Graça Ferreira do Vale e Maria de Lourdes, filha do sr. Dr. Augusto José Sobrinho Barata da Rocha; e os meninos José Viera, filho do sr. José Maria Veira; e António José Pinto Cardoso, filho do sr. Manuel Fernando Cardoso.

Amanhã, 5 — As sr.as D. Celeste de Oliveira Salgueiro Seabra, esposa do sr. Eng.º Paulo Sabra; D. Maria Margarida Correia de Lacerda Carvalho Machado; D. Alcina Gomes Vieira; e D. Maria Gabriela Queiroz Santos, filha do sr. Eng.º Germano Vendrell Santos; e os srs. Doutor Luciano Sérgio Lemos dos Reis, Prof. da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; e Marcelino González de La Peña.

Em 6 — As sr.as Emília Valente de Abreu Freire, esposa do sr. Artur de Abreu Freire; e D. Maria de Deus Caldeira Gadim, esposa do sr. Floriano Gomes Gadim; a menina Marília Ferreira dos Santos, filha do sr. Alfredo Francisco dos Santos; e o menino Ricardo Jorge Rocha Pereira Campos, filho do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 7 — As sr.as Dr.as D. Maria Fernanda da Costa Cerqueira, filha do sr. Eduardo Cerqueira; e D. Isaura das Neves Pinho Vinagre, filha do sr. Fernando de Pinho Vinagre; e os srs. Hermenegildo Meireles; Joaquim da Paula Graça; Domingos Pereira Boia; Aurélio Guerra; Jerónimo André Ferreira Nunes; e Manuel Marques Vinagre; as meninas Maria Helena Ferreira dos Santos; Florbela Morais Ferreira, filha do sr. Armindo Ferreira; e Erménia Aurora Salgado dos Anjos Vieira, filha do sr. Severino dos Anjos Vieira; e ainda o menino Francisco Miguel, filho do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes.

Em 8 — As sr.as Prof.ª D. Maria da Luz Seabra Barreto; e D. Maria Ferreira, esposa do sr. João dos Santos Baptista; e os srs. Artur Ramos; António Tavares; e José Virgílio de Jesus Martins, ausente no Brasil; e o menino António Manuel de Carvalho Maurício, filho do sr. Manuel Maurício.

Em 9 — O sr. Joaquim de Oliveira; e a menina Fernanda Lisete, filha do sr. António Carvalho da Silva.

Em 10 — As sr.as D. Alice Mendes Leite Machado Piçarra; e D. Maria Luísa Mendes Leite de Morais; e o sr. Manuel Casimiro Graça.

CASAMENTO

— Realizou-se no dia 8 de Janeiro, na Igreja da Vera-Cruz, nesta cidade, o casamento da sr.ª D. Maria Adélia Lopes da Silva, filha da sr.ª D. Alice Lopes Ventura e do sr. António da Silva Amaral, com o 2.º Sargento sr. Fernando Augusto dos Santos Moreira, filho da sr.ª D. Maria Amélia dos Santos e do 2.º Sargento sr. Laurentino Augusto Laura Moreira (já falecido).

Foram padrinhos: da noiva, a sr.ª D. Maria Dolores Pereira Amaral e o sr. José Rodrigues Ferreira; e, do noivo, a sr.ª D. Lúcia Iolanda dos Santos Moreira e o sr. António da Silva Monteiro.

NASCIMENTO

No Hospital de Santa Joana, nasceu, na manhã de anteontem, 2 de Fevereiro corrente, um menino ao casal da prof.ª Zulmira Eneida de Sousa Silva e Christo Barreto Cerqueira, nossa colaboradora, e do empregado bancário Domingos José Barreto Cerqueira.

Ao menino — segundo filho naquele lar — vai ser dado o nome de David José.

DR.ª MARIA MANUEL CANDAL

Na Universidade de Coimbra, terminou há pouco a sua formatura em Matemática a aveirense sr.ª Dr.ª Maria Manuel Natividade Candal, que, ao longo dos seus estudos, sempre se revelou distintíssima aluna

Daqui lhe endereçamos as nossas felicitações, bem como a seus pais, a sr.ª D. Júlia Prestes Salgueiro Natividade Candal e o distinto oftalmologista sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal.

O Problema da PARALISIA INFANTIL

No ano findo não se registou um só caso no Distrito de Aveiro

Do Delegado de Saúde do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Domingos Afonso e Cunha, recebemos com o pedido de publicação, a seguinte nota:

Como é sabido o Ministério da Saúde e Assistência iniciou, em fins de 1965 por intermédio dos competentes órgãos centrais e periféricos da Direcção Geral de Saúde, um programa de vacinação em todo o País.

Este programa começou com a execução duma campanha de vacinação contra a poliomielite e prolongou-se com a aplicação de vacinas contra difteria, tétano, tosse convulsa, varíola e tuberculose.

Os resultados obtidos foram tornados públicos por Sua Excelência o Ministro da Saúde e Assistência ao microfone da R. T. P. em 16 de Novembro de 1966 e por eles se conclui que desde o início do programa até 30 de Setembro p. p. e quanto ao Continente, se efectuaram 3 782 635 actos vacinais, dos quais 2 943 484 contra a poliomielite, 497 807 contra a difteria e tétano e a tosse convulsa (vacinas Tríplice, Dupla e Antitetânica) e 341 344 contra a varíola.

Graças a eles reduziu-se substancialmente, num só ano, a incidência da poliomielite no País. Com efeito, a média anual do número de casos desta doença, verificados no Continente nos últimos cinco anos foi de 274 com 283 em 1964. Pois, no ano passado, registaram-se apenas 20 o que representa em relação à média, uma diminuição de 93 %.

Estes números traduzem uma enorme economia assistencial, pela carestia da recuperação dos doentes de paralisia infantil, poupando ao sofrimento e à invalidez algumas dezenas de crianças.

Em vésperas da administração da terceira dose da vacina contra a poliomielite, pareceu-nos oportuno dar conhecimento público deste autêntico sucesso.

As campanhas de vacinação efectuadas no distrito de Aveiro em nada desmereceram as do restante País. Por isso eu desejo pessoalmente e como Delegado de Saúde, apoveitar este ensejo para patentear o meu agradecimento a todos os colaboradores de tão espinhosa tarefa. Refiro-me, sem preocupação de ordem, à imprensa regional, Colegas, Párocos e a todas as entidades oficiais e particulares nelas intervenientes.

Desejo lembrar também o apoio entusiástico do Ex.mo Governador Civil.

Mas não me levem a mal o dizer-lhes ser-me particularmente grato referir, de forma especial, a acção dos meus mais directos colaboradores (Subdelegado de Saúde, pessoal do Dispensário de Higiene Social e da Delegação de Saúde) por tão bem terem suprido a falta duma direcção que, por razões independentes da nossa vontade, não foi possível facultar.

Deixo propositadamente para o fim os professores primários de todo o distrito. Faço-o, por terem sido estes dentre todos os colaboradores, os mais sacrificados e os mais abnegados. Faço-o para realçar que, sem esse sacrifício e essa abnegação, as passadas campanhas contra a Poliomielite não poderiam ter obtido o êxito verificado.

Préstimos de tanto vulto merecem prémio adequado. Ele virá a seu tempo pois, felizmente, já se começou a esboçar. No ano de 1966, em contraste com os anteriores, não houve um único caso de paralisia infantil em todo o distrito de Aveiro.

Bem hajam pois, todos os que para isso contribuiram.

Se mantivermos o mesmo entusiasmo e o mesmo espírito de compreensão, podemos estar certos da obtenção de resultados idênticos para as restantes doenças transmissíveis da infância, cujo controle é possível através da vacinação.

Vacinação contra a Poliomielite

Nos próximos dias 20, 21 e 22 vai dar-se seguimento à campanha contra a poliomielite nesta cidade (freguesias de Esgueira, Glória e Vera-Cruz).

Serão vacinadas as crianças já com as duas primeiras doses e as nascidas em 1966 ainda não vacinadas, das referidas freguesias.

Os pais receberão um aviso onde se menciona o dia, hora e local de vacinação, devendo respeitar estas indicações para boa organização do serviço.

As crianças deverão fazer-se acompanhar do *postal-aviso* (convocatória) recebido pelo correio e do *boletim individual de Saúde.*

A fala de um ílhavo

Continuação da primeira página

de protecção aos pobres e aos humildes.

Não é político, mas aprecia e aplaude, com entusiasmo, todos os actos, todas as resoluções, todas as medidas tendentes a valorizar a sua terra e a prestigiar o seu país.

Assim, está sempre ao lado dos que trabalham desinteressadamente pelo progresso da aldeia ribeirinha ou da vila risonha, que o viu nascer; dos que lutam no Ultramar, para manter íntegra e independente a Pátria que tanto amam; dos governos que promovem o desenvolvimento cultural e económico da Nação e o bem estar das populações.

São estes homens, fortes e destemidos, que aqui represento, para agradecer ao senhor Ministro da Marinha o valioso empreendimento que estamos a inaugurar, o qual, além de vir enriquecer o património do concelho de Ílhavo, muito contribuirá para dar mais segurança e tranquilidade àquela grande parte da população que exerce a sua actividade a bordo dos navios que demandam este porto.

E aqui, à beirinha do mar, é que esta casa está bem situada.

Perto da barra e perto do farol — deste imponente farol, cuja luz — quatro pancadas para o mar e quatro para a terra — é tão conhecido dos nossos marinheiros.

É essa luz que, nas noites negras de tempestade, os faz desviar dos traiçoeiros e perigosos baixios da costa; é a luz que, após longa ausência nos mares brumosos e gelados do Norte, todas as noites, eles procuram, ávida e saudosamente, no horizonte e que, ao grito saído do fundo da alma, — «farol à vista!» — é o primeiro sinal a indicar-lhes a sua terra, o lar de seus pais, de suas mulheres, de seus filhos.

É portanto necessário que, sem demoras arreliadoras para quem já vem saturado de tão longo tempo no mar, lhes seja facultada a entrada da barra ou, em caso de muito mau tempo, lhes seja indicado um outro porto seguro que os possa acolher, sem perigo.

E os pilotos da barra poderão fazê-lo, com mais consciência e sem necessidade de deslocações, porque daqui, deste lindo e acolhedor edifício, estarão sempre a ver o oceano e, portanto, com toda a facilidade, tomarão conhecimento das boas ou más condições da barra e do porto.

E agora, recordando o passado, para celebrar o presente e preparar o futuro, transmitirei um episódio que, há dias, me foi contado, por um velho capitão de navios, ainda lúcido nos seus oitenta e sete anos.

O referido capitão fora encarregado, pela empresa que servia, de ir à Islândia adquirir um carregamento de bacalhau, a fim de ser transportado para Aveiro.

Depois de grande e enervante demora, devida à enorme dificuldade em se encontrar navio que pudesse entrar nesta barra, lá se conseguiu afretar, na Noruega, um pequeno vapor, com o calado de 13 pés.

Carregou então 700 toneladas de bacalhau fresco e saiu de Raquiavik, tendo chegado à frente do nosso porto, no dia 22 de Novembro de 1923.

Estava um dia maravilhoso e o mar tão mansinho, tão estanhado, que todas as bateirinhas tinham saído, à pesca do mexoalho.

Apesar disso, o comandante do vapor sentia-se bastante receoso e, como não via lá fora qualquer reboque ou lancha piloteira que lhe pudesse indicar a entrada da barra, resolveu demandar o porto de Leixões, com o fim de meter um prático.

Foi então que o velho capitão, meu conterrâneo e seu passageiro, o tranquilizou, afirmando-lhe que conhecia perfeitamente o enfiamento.

No colo do preia-mar, ao meter à barra, o navio ainda bateu no fundo, com grande susto para toda a tripulação, mas lá conseguiu safar-se sem qualquer novidade de maior.

No entanto, ao passar no Coxim, em virtude da forte corrente de água, desgovernou e foi de proa a areia, apesar de, na emergência, ter sido largado um ferro.

Foi nessa altura que subiu a bordo um sujeito que, sem dizer palavra, se encaminhou apressadamente para o castelo da proa.

Chegado ali e depois de observar, por instantes, a manobra de desencalhe, começou, com largos gestos, a dar ordens ao imediato.

Este oficial, porém, ao reparar naquele homenzinho, de calças arregaçadas, perna acima, perna abaixo, gibão amarrado na cinta, com um cordel e sueste na cabeça, sem atinar no que ele queria e supondo tratar-se de algum intruso, intimou-o, com energia, a retirar-se.

E sabem quem era o tal homem, cuja indumentária lhe não abonava qualquer credencial e por isso se reconheceu sem prestígio para, na Capitania, apresentar queixa da ocorrência?

Era o ti Zé Filipe — um piloto da barra daquela época.

Passados três anos deu-se uma mudança na política nacional.

Desde então, à semelhança do que aconteceu em quase todos os sectores de actividade, o porto de Aveiro sofreu grandes obras e experimentou extraordinários melhoramentos.

E a barra, que no preia-mar não excedia os doze pés, atinge hoje, no baixa-mar, vinte e um pés de profundidade.

Os pilotos, cuja preparação é longa e cuidada, possuem, agora, óptimos conhecimentos.

Contudo, sentiam grande necessidade duma casa, sua sede, apetrechada com a aparelhagem exigida pela difícil e perigosa função que desempenham.

Aqui estamos a inaugurá-la festivamente e, portanto, a preparar o futuro para este belo porto, que, já hoje recebe, nas suas águas, além de muitas dezenas de traineiras e arrastões do alto, toda a frota bacalhoeira de Aveiro e da Figueira da Foz e ainda muita outra navegação, nacional e estrangeira, de apreciável tonelagem.

AMADEU CACHIM

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Proc. N.º 4/67
2.ª Sec. — 2.º Juízo

Pelo Segundo Juízo de Direito e Segunda Secção, desta comarca de Aveiro, correm éditos de *seis meses*, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando MANUEL DA CRUZ MADAIL, com última residência conhecida em São Bernardo e ora ausente em parte incerta da França, para no prazo de vinte dias posterior àquele dos éditos, impugnar na Acção Especial de Justificação de ausência (Curadoria definitiva dos seus bens), requerida por Rosinda da Cruz Lela, solteira, doméstica, residente em São Bernardo — Aveiro, a sua alegada ausência em parte incerta.

No mesmo processo são citados por éditos de sessenta dias, igualmente contados da segunda e última publicação do anúncio, os interessados incertos, para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o dos éditos, impugnarem a referida ausência daquele Manuel da Cruz Madail.

Aveiro, 26 de Janeiro de 1967

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Francisco Xavier de Morais Sarmento

Litoral ★ Ano XIII ★ 4-2-1967 ★ N.º 639

Manifestações de Vida Extraterrenas

Continuação da primeira página

de uma empresa de aparelhos electro-ópticos, que afirmou peremptòriamente, num congresso de Astronomia e Biodinâmica, promovido pela Universidade da Califórnia: «Assinalei existência de clorofila nas partículas de poeira em suspensão nas formações nebulosas que obscurecem a luz das estrelas, através da técnica de análise minuciosa de um espectro luminoso».

Os campos dão renovos,
também, noutras esferas?

— perguntava o poeta Gomes Leal. Parece que estamos nas vésperas de sensacional resposta afirmativa à interrogação do vate. Como se sabe, a clorofila é essencial à fotossíntese e, portanto, à vida. No prosseguimento da sua comunicação ao congresso da Biodinâmica, o dr. Fred Johnson disse que a existência de clorofila no espaço significa a possibilidade de se desenvolver uma química da vida fora da Terra, podendo admitir-se que o seu produto final seja uma forma de vida similar à que existe no nossso planeta.

O cientista prof. Alberto Mancinelli, da Universidade de Colúmbia, interrogado pelos jornalistas sobre a tese do dr. Johnson, disse que, se as afirmações deste último forem exactas, há grandes probabilidades dessa clorofila ter sido produzida por organismos vivos. E isto constituiria a prova física da existência de vida noutros planetas do sistema solar ou de sistemas semelhantes existentes na galáxia

ALVES MORGADO

PINTO DE MAGALHÃES, L.DA

BANQUEIROS

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1966

ACTIVO			
DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	365 829 299$55		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	55 790 260$74		
Promissórias de Fomento Nacional	25 000 000$00	846 619 560$29	
Correspondentes no Estrangeiro	75 541 443$81		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	73 283 112$85		
Carteira de Títulos e Cupões	103 878 612$50		
Carteira Comercial	1 108 699 660$82		
Letras s/ o Estrangeiro	51 117 322$23		
Correspondentes no País	53 340 946$94		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	287 788 916$26		
Devedores e Credores	116 689 447$70		
Empréstimos a mais de um ano	9 897 970$00		
Outros Valores Realizáveis	5 926 622$90	1 886 164 056$01	2 232 783 616$30
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		6 600 000$00	
Imóveis	33 549 375$81		
Amortização (a deduzir)	9 398 963$35	24 150 412$46	
Imobilizações Diversas		13 447 208$48	44 197 620$94
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Diversas			674 688 706$12
			2 951 669 943$36
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		215 481 570$26	
Valores Recebidos em Caução		878 769 021$82	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	271 384 601$33		
Devedores por Aceites	4 374 488$68		
Devedores por Créditos Abertos	9 049 171$68		
Outras Contas de Ordem		284 808 261$69	
		77 990 923$25	1 457 049 777$02
			4 408 719 720$38

PASSIVO			
EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	1 125 677 224$03		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	9 501 066$55		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	961 140 972$72	2 096 319 263$30	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	4 590 489$37		
Cheques e Ordens a Pagar	8 465 068$22		
Exigibilidades Diversas	1 139 974$63		
Correspondentes no País	2 866 223$83		
Correspondentes no Estrangeiro	1 040 923$69		
Devedores e Credores	31 664 055$31	49 766 735$05	2 146 085 998$35
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Diversas e Provisões			684 628 950$26
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		60 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		19 500 000$00	
Outros Fnndos de Reserva		28 500 000$00	108 000 000$00
RESULTADOS			
Resultado do Exercício			12 954 994$75
			2 951 669 943$36
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		215 481 570$26	
Credores por Valores Recebidos em Caução		878 769 021$82	
Garantias e Avales Prestados	271 384 601$33		
Aceites	4 374 488$68		
Créditos Abertos	9 049 171$68	284 808 261$69	
Outras Contas de Ordem		77 990 923$25	1 457 049 777$02
			4 408 719 720$38

O TÉCNICO DE CONTAS
Fernando Luís Correia da Silva

A DIRECÇÃO
Afonso Pinto de Magalhães — Álvaro António de Carvalho Piano
Crispim Alberto Pinto Teixeira — António Correia da Silva
Rodrigo Abílio Pinto de Barros Freitas — Tito Francisco Sanches

CONTAS LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1966

CRÉDITO	
Juros e comissões a nosso favor	75 456 864$47
Resultados em operações cambiais e sobre títulos	26 924 848$84
Rendimentos de títulos de crédito	1 675 742$97
Outros rendimentos, receitas e lucros	3 744 640$88
	107 801 997$16
DÉBITO	
Juros e comissões a nosso cargo	34 994 382$90
Contribuições e impostos	7 010 697$30
Despesas com o pessoal	35 997 734$50
Despesas Gerais	12 211 907$12
Encargos diversos	164 464$85
Provisões e amortizações	4 467 815$74
	94 847 002$41
Lucro líquido	12 954 994$75
	107 801 997$16

EVOLUÇÃO DE PINTO DE MAGALHÃES, L.DA

ANO	CAPITAL E RESERVA	DEPÓSITOS	LETRAS DESCONTADAS	LUCRO ILÍQUIDO	LUCRO LIQUIDO	ACTIVO
1957	52 800 000$00	260 952 839$45	532 964 901$78	18 914 530$89	7 198 897$94	652 164 613$59
1958	60 000 000$00	352 126 802$82	615 572 189$53	21 329 194$69	7 625 162$11	719 055 714$56
1959	66 000 000$00	504 576 667$91	765 495 819$71	26 566 143$86	8 312 140$26	1 000 612 306$73
1960	75 000 000$00	623 080 063$65	1 195 790 783$41	28 405 297$12	8 593 077$19	1 195 314 901$94
1961	78 400 000$00	588 190 672$75	1 344 768 529$73	30 590 226$35	5 671 810$54	1 291 406 432$02
1962	82 000 000$00	728 940 348$85	1 531 776 233$61	37 416 186$50	6 537 689$18	1 675 539 312$14
1963	86 000 000$00	1 092 027 986$58	2 201 126 732$41	47 394 351$31	7 053 374$64	2 303 418 284$03
1964	96 000 000$00	1 601 366 911$28	4 296 514 419$22	75 378 363$99	10 333 039$85	3 312 308 231$56
1965	108 000 000$00	1 912 851 492$96	6 222 374 288$87	95 342 051$56	12 333 780$10	3 775 702 559$59
1966	120 500 000$00 *	2 096 319 263$30	7 100 165 670$95	107 801 997$16	12 954 994$75	4 408 719 720$38

O TÉCNICO DE CONTAS
Fernando Luís Correia da Silva

A DIRECÇÃO
Afonso Pinto de Magalhães — Álvaro António de Carvalho Piano
Crispim Alberto Pinto Teixeira — António Correia da Silva
Rodrigo Abílio Pinto de Barros Freitas — Tito Francisco Sanches

* Com o ingresso da distribuição de lucros do ano de 1966

DEPÓSITOS BANCÁRIOS

Em milhões de escudos

Fim de:	Depósitos à ordem	Depósitos c/ pré-aviso	Depósitos a prazo	Total
1957	145,3		115,7	261,0
1958	164,2		164,2	328,4
1959	262,5		242,1	504,6
1960	354,2		268,9	623,1
1961	314,2		274,0	588,2
1962	402,1		326,9	729,0
1963	555,5		536,5	1 092,0
1964	864,5		736,8	1 601,3
1965	923,9	12,2	976,6	1 912,7
1966	1 125,6	9,5	961,1	2 096,2

O quadro que antecede revela-nos que em 1966 a totalidade dos depósitos — considerados, portanto, no seu conjunto, os depósitos à ordem e os depósitos a prazo — se exprime por um valor que continua a mesma evolução de crescimento que se vinha realizando.

Com efeito, a referida totalidade ultrapassa no fim de último ano os 2096 milhões de escudos, enquanto que em 1965 se fixara nos 1 912,7 milhões de escudos.

Traduzindo a utilização dos recursos de que dispusemos em 1966, mostra-nos o quadro a seguir que o fluxo global do crédito distribuído atingia em final deste último ano a posição de 8 763,9 milhões de escudos, ultrapassando assim nitidamente os 7 573,2 milhões a que ascendera em fim de 1965. Observou-se pois um acréscimo de 15,7‰, correspondente às variações, ambas positivas, de 14,1‰ e 23,1‰, respectivamente em «Carteira Comercial» e «Empréstimos».

Continuou portanto a prevalecer o crédito por desconto comercial, modalidade em que, como é natural, se projectam as componentes fundamentais da procura do mercado que nos é próprio.

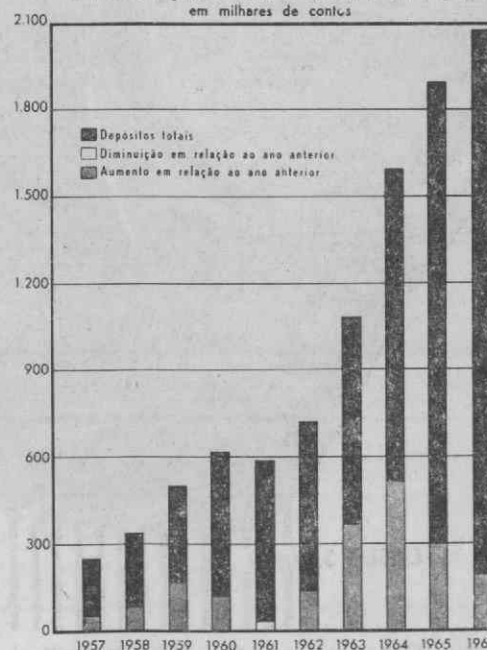
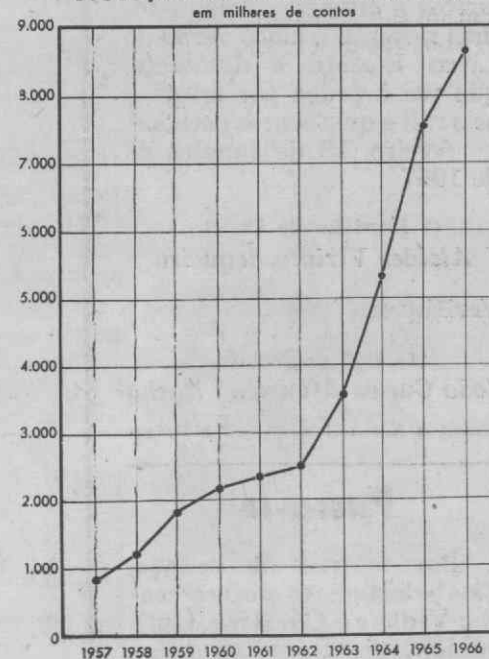
VOLUME DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO

Em milhões de escudos

Fim de:	Cartelra comercial	Empréstimos	Total
1957	479,0	404,5	883,5
1958	567,7	542,6	1 110,3
1959	846,8	979,8	1 826,6
1960	1 406,7	748,1	2 154,8
1961	1 673,8	575,9	2 249,7
1962	1 826,2	664,3	2 490 5
1963	2 616,8	926,7	3 543,5
1964	4 296,5	1 094,3	5 390,8
1965	6 222,3	1 350,9	7 573,3
1966	7 100,1	1 663,8	8 763,9

Julgamos ter cumprido um dever apresentando o balanço relativo ao exercício de 1966.

Os resultados apresentados traduzem, nas actuais circunstâncias, muita dedicação quer dos nossos estimados Clientes e Amigos quer de todos os nossos colaboradores.

A uns e a outros apresentamos os nossos agradecimentos, prometendo continuar a trabalhar, indiferentes às dificuldades que se nos apresentem, mas bem atentos às dificuldades dos que nos preferem.

A DIRECÇÃO
Afonso Pinto de Magalhães
Crispim Alberto Pinto Teixeira
Rodrigo Abílio Pinto de Barros Freitas
Álvaro António de Carvalho Piano
António Correia da Silva
Tito Francisco Sanches

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S/A

CORRESPONDENTE NO BRASIL

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO

PINTO DE MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

PORTO — LISBOA — AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — CHAVES — COVA DA PIEDADE — ELVAS — ERICEIRA — FÁTIMA — MALAPOSTA — PENICHE — TOMAR — VALE DE CÂMBRA — VILA DA FEIRA — VILA REAL — VILAR FORMOSO — V. REAL SANTO ANTÓNIO — VISEU

Centro Particular de Transfusões de Aveiro
JOÃO CURA SOARES
MÉDICO
EX-ESTAGIÁRIO DO SERVIÇO DE SANGUE DO HOSPITAL DE SANTA MARIA
Serviço permanente de Transfusões de Sangue
TELEFONES De Dia — 22349 De Noite Domingos e Feriados 27293 24800

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 27 de Fevereiro próximo, pelas 10 horas, no Palácio de Justiça desta comarca de Aveiro e nos autos de Execução Sumária que, na segunda Secção do primeiro Juízo, o exequente Bernardino Augusto da Silva, casado, comerciante, desta cidade, move contra os executados Mário de Oliveira Lopes e mulher, Maria Helena Simões Ramalheira, moradores na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, número 106, desta cidade, hão-de ser postos em praça, para serem arrematados, pela primeira vez, e pelo maior lanço oferecido acima do valor constante do processo, vários móveis de casa de habitação, como guarda-vestidos, cómodas, cristaleira, relógio de sala e mesas e o imóvel abaixo indicado, pelo valor acima do anunciado, bens estes penhorados aos executados referidos.

IMÓVEL A ARREMATAR

Um prédio urbano sito na Rua Arcebispo Milhano, da vila e concelho de Ílhavo, composto de casas altas com quatro divisões no rés-do-chão e quatro no primeiro andar, tendo duas portas e uma janela no rés-do-chão e uma porta e duas janelas no primeiro andar, com a área coberta de setenta e cinco metros quadrados e quintal com a área descoberta de vinte metros quadrados, inscrito na matriz urbana sob o artigo mil oitocentos e cinquenta e seis metros e descrito na Conservatória sob o número quarenta e quatro mil setecentos e oitenta e dois, a folhas noventa e cinco verso do Livro B-cento e dezassete, que vai à praça por trinta e seis mil e quinhentos escudos.

Aveiro, 28 de Janeiro de de 1967

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Litoral ✱ Ano XIII ★ 4-2-1967 ★ N.º 689

Passa-se

Por motivo de doença, Estabelecimento de mercearia, Vinhos e Comidas. Óptimo local (em frente ao antigo Quartel de Cavalaria n.º 5) em Aveiro.
Informa, Rua Cândido dos Reis, 12 — Aveiro.

MOTOR 5,5 H P

Fora de borda — Vende-se em boas condições = Tratar com V. Agoas na Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-1.º, em Aveiro.

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu
Reparações garantidas e aos melhores preços
Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B Telef. 22359
AVEIRO

Vende-se por 18.000$00

Fourgoneta FIAT, a Gasoil, mista, carga máxima 1.400 quilos — 8 passageiros — fechada, com janelas — Raio de acção 100 ks. FRAPIL, S.A.R.L. — Cais S. Roque - Aveiro.

«Anastácios & Oliveira, Limitada»

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de dez de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete, de folhas treze verso a quinze verso do Livro próprio número Quatrocentos e Cinquenta e Um-A, outorgada perante o notário deste Primeiro Cartório, Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída, entre Júlio Rodrigues Anastácio, Joaquim Anastácio Caçoilo e Silvério de Oliveira Fresco, uma sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A Sociedade adopta a firma «ANASTÁCIOS & OLIVEIRA, LIMITADA»; fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro; e inicia já a sua actividade e durará por tempo indeterminado;

Segundo — O seu objecto é o comércio de mercearias, por junto e a retalho, podendo ser ainda outro qualquer ramo de comércio, que resolva explorar;

Terceiro — O capital social é do montante de setenta e cinco mil escudos, dividido em três quotas de vinte e cinco mil escudos cada uma e subscritas uma por cada um deles, sócios Júlio Rodrigues Anastácio, Joaquim Anastácio Caçoilo, e Silvério de Oliveira Fresco; e acha-se todo realizado já em dinheiro, que deu entrada na Caixa Social;

Quarto — A Cessão de quotas entre sócios é livre;

Quinto — Em relação a estranhos, a cessão onerosa de quotas, por preço ou valor superior ao seu valor real, apurado este em Balanço para os efeitos especialmente organizado pela Sociedade, depende do consentimento desta;

Parágrafo único — Nas cessões de quotas a estranhos, a Sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, terão ainda o direito de preferência. As pretendidas cessões devem ser comunicadas, por carta registada, aos preferentes, que responderão no prazo de oito dias e pela mesma forma, se optam ou não, entendendo-se que a falta de resposta dentro desse prazo significa a renúncia à opção;

Sexto — A Gerência da Sociedade pertence a todos os sócios, mesmo aos que porteriormente vierem a adquirir esta qualidade; e é dispensada de caução, e será remunerada ou não, consoante se deliberar em Assembleia Geral;

Parágrafo único — Dois gerentes obrigam a Sociedade — nunca menos do que dois;

Sétimo — No caso de morte ou interdição de algum sócio, a Sociedade continuará com os sobrevivos e capazes e com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, os quais, porém, designarão um só de entre aqueles ou estes para todos representar, respectivamente, na Sociedade;

Oitavo — Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência;

Nono — Além do fundo de reserva legal, poderão constituir-se outros fundos de reserva, pelo modo e para os fins que em reunião dos sócios forem votados;

Décimo — No caso de dissolução, serão liquidatários todos os sócios, procedendo-se conforme for deliberado em Assembleia Geral e legal.

Está conforme ao original, na parte respectiva, nada havendo na parte omitida que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, catorze de Janeiro de mil novcentos e sessenta e sete.

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Litoral ★ Ano XIII ★ 4-1-967 ★ N.º 63›

Dr. Joaquim Alves Moreira

Médico Especialista
Rins e Vias Urinárias
Cirurgia da Especialidade

Ex-residente de Urologia do Hospital Beth Israel de Boston e do Hospital Bellevue de New York

Consultas todas as 4.as feiras às 10.30 horas
Consultório: Rua de S. Sebastião, 119
AVEIRO

Ministério das Obras Públicas
Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
Direcção dos Serviços de Construção

Concurso público para arrematação da empreitada de «Construção de um Novilheiro para a Estação de Fomento Pecuário de Aveiro».

Faz-se público que às 16 horas do dia 22 de Fevereiro de 1967 se procederá, na sede desta Direcção Geral, ao concurso acima designado.

BASE DE LICITAÇÃO . . . . 498 680$00
DEPOSITO PROVISÓRIO . . . 12 467$00

O processo do concurso encontra-se patente na Direcção dos Serviços de Construção em Lisboa e na Direcção dos Edifícios do Centro, Jardim da Manga, em Coimbra.

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em 27 de Janeiro de 1967

O Engenheiro Director-Geral,
JOSÉ PENA PEREIRA DA SILVA
Eng.º

Vende-se

Uma máquina de escrever «REMINGTON», em bom estado. Telefone 22996.

Continuações da última página

Beira-Mar — Montijo

os beiramarenses desforraram-se agora desse desaire e, contrariando a grande maioria das previsões, impuseram-se de forma categórica e decisiva aos seus antagonistas, eliminando-os da prova.

No desafio de Aveiro, as grandes armas do Beira-Mar foram o forte querer e o companheirismo evidenciados por todos os elementos, que desejosos de rectificarem o seu inêxito da primeira «mão», se empenharam, abnegadamente, na luta com os montijenses — com o intuito de não deixarem os seus pergaminhos de equipa da I Divisão à mercê de um pouco qualificado antagonista do escalão secundário.

•

E a sorte do encontro ficou decidida nos primeiros quarenta e cinco minutos: nesse lapso de tempo, os beiramarenses anularam o avanço dos «amarelos-verdes» — equipa que, em Aveiro, se mostrou por demais «verde», muito incipiente mesmo. Contra si, tiveram ainda os montijenses uma faceta deveras desagradável e condenável, já que, vendo que a sua preciosa vantagem de quatro golos se ia a pouco e pouco esgotando, enveredaram por uma toada de excessiva rudeza, nada simpática, com a qual procuravam intimidar os jogadores de Aveiro e disfarçar a sua indisfarçável inferioridade técnica. Desse desnorte da equipa sulistas resultaram a expulsão de Virgílio (42 m.), por agressão ao beiramarense Garcia, e ainda a lesão do aveirense Brandão, que teve de sair do relvado aos 40 m. e, no segundo tempo, manifestamente incapacitado, alinhou apenas a fazer número, na extrema direita.

A falta do seu «capitão», na etapa complementar, aliada a uma naturalíssima quebra física da grande maioria dos seus elementos (pelo esforço notável que haviam dispendido na metade inicial), inibiram os aveirenses de manter, após o reatamento, a velocidade endiabrada e o nível exibicional dos primeiros quarenta e cinco minutos. Assim mesmo, o filme da segunda parte mostrou-nos, sempre, um Beira-Mar vivamente interessado na obtenção de, pelo menos, mais um golo — garantindo a sua permanência na «Taça» —, enquanto o Montijo, jogando sobre a defensiva e apenas com um elemento (Veredas) adiantado, mas desamparadíssimo, não conseguiu, nunca, perturbar a turma da casa.

Com toda a lógica, os beiramarenses lograram os seus objectivos — quando se entrava no último quarto de hora da partida —, isto depois de, por forma ostensiva, o almejado quinto golo se lhes ter negado por várias vezes. Na verdade, mereciam ter dado golo lances concluídos por Diego (50, 52 e 69 m.), Gaio (48 e 84 m.) e Abdul (56 m. — em remate que a barra devolveu!), além de duas jogadas (65 e 89 m.) em que, com arrojados mergulhos, Redol evitou que Garcia finalizasse vitoriosamente.

Este simples enunciado de golos possíveis, e que os aveirenses bem mereciam ter concretizado, é prova eloquente de uma irrefragável supremacia do Beira-Mar ante o Montijo — e como que pretende dizer-nos que a equipa da casa «só» marcou os golos de que tinha necessidade para resolver a eliminatória...

Em apontamento final, uma palavra ainda para o comportamento dos montijenses que, após o intervalo, jogando apenas o jogo pelo jogo, demonstraram que o período antipático de desnorte, no primeiro tempo, tinha acabado por completo. E ainda bem que a correcção voltou a ser norma de conduta de todos os jogadores.

•

Entre os aveirenses, evidenciaram-se: Almeida, Garcia, Brandão, Marçal, Abdul e Gaio — embora os restantes se exibissem em plano muito aceitável, sobretudo na metade inicial.

No conjunto do Montijo, salientaram-se: Santana, Cardoso, Redol e José António.

•

O árbitro produziu trabalho imparcial, mas pouco firme, sendo, por frequentes vezes, induzido em erro pelos seus auxiliares. Disciplinarmente, o sr. Pinto Ferreira foi certo, agindo como lhe competia quando da expulsão de Virgílio, no que foi peremptório.

Sumário Distrital

JUNIORES

Resultados da 18.ª e última jornada:

Lamas — Bustelo 1-2
Oliveirense — Espinho 2-1
Sanjoanense — Cesarense 11-0
Lusitânia — Esmoriz 1-0
Valecambrense — Cucujães 1-7
Vista-Alegre — Anadia 1-2
Alba — Recreio 2-2
Estarreja — Beira-Mar 1-6
Mealhada — Oliveira do Bairro 1-0
Ovarense — Valonguense 1-0

JUVENIS

«POULE FINAL» — Resultados da 3.º jornada:

Anadia — Espinho 0-1
Oliveirense — Ovarense 0-1
Sanjoanense — Avanca 4-2

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 21 DO «TOTOBOLA» ★

12 de Fevereiro de 1967

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	C. U. F. - Acad.			2
2	Atlético - Braga	1		
3	Sporting - Porto	1		
4	Varzim - Sanjoan.	1		
5	Leixões - Benfica		x	
6	Guimarães - Setub.	1		
7	Beira-Mar - Belen.	1		
8	Ovarense - Covilhã		x	
9	T. Novas - Tirsen.			2
10	Lamas - Leça	1		
11	Seixal - Portimon.		x	
12	Leões - C Piedade	1		
13	Alhandra - Barreir.			2

1.ª Coluna

Beira-Mar e prestigiando-se eles próprios, na medida em que se integrarem na peculiar mística que existe entre o Beira-Marzinho e todos os desportistas aveirenses.

Tenhamos fé e confiança, e saibamos todos apoiar, amparar e incitar os atletas que envergam o glorioso «jersey» negro-amarelo — que o Beira-Mar subirá na tabela de pontos e haverá de manter o seu posto na I Divisão!

Basquetebol

Tabelas classificativas:

Série A

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sp. Caldas	3	3	—	134-88	6
Invicta	3	2	1	140-90	5
Sanjoanense	3	2	1	128-127	5
Gaia	3	1	2	124-124	4
Leça	3	1	2	87-103	4
Ginásio	3	—	3	61-122	3

Série B

	J.	V.	D.	Bolas	P.
E. Física	3	3	—	154-95	6
Sangalhos	3	2	1	152-118	5
Fluvial	3	1	2	131-131	4
Esgueira	3	1	2	121-131	4
Naval	3	1	2	130 169	4
Olivais	3	1	2	112-156	4

JUNIORES

Resultados da 1.ª jornada:

Académica — Galitos 34-42

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	1	1	—	42-34	2
Académica	1	—	1	34-42	1
Sp. Tomar	—	—	—	00-00	—

De cá para lá

lesões no período do defeso. Depois, em contrapartida, o Beira-Mar, sempre confiante, adormeceu um tanto com os louros conquistados pela permanência na Divisão Maior (e sabe-se com que genica tal permanência foi conseguida...) enquanto as outras equipas se apetrechavam, baseando-se em argumentos mais sólidos, de mais cabedais, porventura.

Pergunta-se agora: Estará Aveiro irremediàvelmente afastada do futebol da I Divisão? Será que o Beira-Mar aceitará o fatalismo de braços cruzados? Não, evidentemente! O clube, cujos dirigentes vivem o desenrolar dos acontecimentos com calma e serenidade, sem contudo deixarem de agir no sentido de evitar o que parece inevitável, vai procurar reagir ao infortúnio. A prova está na maneira como os próprios jogadores, ainda ontem descrentes, se impuseram ao Montijo, a equipa que, sensacionalmente, mais descrédito lançou no conjunto primo-divisionário. É bem verdade que o valor da equipa da borda d'água não nos permite visionar o futuro dos homens da beira-mar, tão decepcionante foi a sua exibição, em contraste com os aveirenses, reconciliados com os seus adeptos, se é que alguma vez estes os abandonaram. De facto, a partida do Estádio de Mário Duarte valeu pela determinação dos homens de Aveiro, que lutaram bem enquanto as forças permitiram e o cansaço não chegou. Este, outro aspecto negativo da equipa, que o novo treinador, o vosso conhecido António Lemos, terá de atender quanto antes.

Enfim, vencida que foi esta eliminatória da Taça, poderá suceder que os dirigentes, o técnico e os jogadores (para estes a mais ingrata tarefa) catapultados pelo êxito frente a Montijo — sempre houve de marcar cinco golos! — se lancem na recuperação por todos ansiada.

É bom que se saiba e se apregoe aos quatro ventos, que o Beira-Mar é também uma equipa da I Divisão. Mais ainda: que se Aveiro quiser, ou souber querer, tem público para se manter entre os maiores do nosso futebol e, o que é muitíssimo importante, sem os problemas financeiros que afligem outros aparentemente mais cotados. Mas isso já é outra música. Por ora, seja qual for a classificação que o Beira-Mar venha a conseguir, a ordem é da banda continuar a passar...

JOAQUIM DUARTE

Sangalhos vai ter um Pavilhão Desportivo

sempre presente em todas as categorias, ao longo dos 27 anos da sua existência.

Colocado o problema pelo sr. Nelson Neves, e, depois de outros desportistas se pronunciarem, o sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa prometeu o apoio da Direcção Geral de Desportos. Ali mesmo ficou decidido proceder-se a um estudo que permita concretizar o sonho das gentes de Sangalhos.

No final, após a visita, foi servido um espumante, que serviu de pretexto para os srs. Eng.º João de Oliveira Barbosa e Francisco da Encarnação Dias incitarem o Sangalhos na realização da obra, merecida sem dúvida, para quem tanto tem trabalhado pelo Desporto Regional e Nacional.

É provável que, uma vez adquirido o terreno, situado junto à Pista, as obras tenham o seu início com a aprovação do projecto já em estudo. Como curiosidade, podemos informar que é pensamento dos dirigentes sangalhenses a construção dum recinto com cerca de 1 500 m² que, além do Desporto, permitiria a realização de exposições de actividade comercial e industrial da região bairradina.

Fomos informados — e com o facto muito rejubilamos — que ficou decidido adquirir desde já o terreno, pelo que a Direcção do Sangalhos vai contactar com os respectivos proprietários, dispostos, ao que também sabemos, a colaborarem efectivamente na importante realização.

SECRETARIA JUDICIAL
COMARCA DE AVEIRO

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que na 2.ª Secção do 1.º Juízo da comarca de Aveiro e nos autos de Acção Sumária que o autor, Dr. António do Amaral Botelho, ex-administrador da Sociedade de Vinhos Scalabis, residente na Rua dos Lusíadas, número três, terceiro, esquerdo, em Lisboa, move contra João Martins Ribeiro, solicitador, com escritório na rua Trinta e Um de Janeiro, desta cidade, na qualidade de Administrador da massa falida da Sociedade de Vinhos Scalabis, e contra os credores verificados na mesma falência, cuja Sociedade tem a sua sede nesta cidade, corrrem éditos de 10 dias, que se começam a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os mencionados credores da Sociedade de Vinhos Scalabis, para no prazo de 10 dias, findos que sejam os dos éditos, contestarem, querendo, os mesmos autos, sob pena de não contestando serem condenados no pedido que consiste em ser verificado e reconhecido o crédito do autor, da quantia de 37 500$00, sobre a firma falida, para todos os efeitos legais, designadamente para os do artigo mil duzentos e cinquenta e cinco do Código de Processo Civil.

Aveiro, 1 de Fevereiro de 1967

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

1.ª CO LU NA

Terminou a primeira volta do Campeonato Nacional da I Divisão, encontrando-se o Beira-Mar num posto deveras inquietante, de molde a causar muitas preocupações e apreensões.

A equipa situa-se em 13.º lugar, igualmente, em pontos, à Sanjoanense, que ocupa a indesejável «lanterna-vermelha».

Mas, além das duas equipas do nosso Distrito, outras turmas se encontram bastante inseguras, intranquilas e por igual preocupadas quanto ao seu futuro — o que, dentro de certa medida, constitui uma esperança de melhores dias para beiramarenses e para sanjoanenses, cuja situação, embora crítica, não é ainda irremediável.

Amanhã, principia a segunda volta, com o seguinte programa de jogos:

ACADÉMICA — ATLÉTICO (2-0)
BRAGA — SPORTING (0-0)
PORTO — VARZIM (3-0)
SANJOANENSE — LEIXÕES (0-1)
BENFICA — GUIMARÃES (1-0)
SETÚBAL — BEIRA-MAR (0-0)
BELENENSES — C. U. F. (0-2)

Os auri-negros, agora orientados pelo Prof. António Lemos, efectuam uma saída ingratíssima ao Estádio do Bonfim, justamente porque lhes cumpre defrontar uma equipa também intranquila. Todavia, convém que sempre o lembremos, não há resultados antecipadamente certos — e o Beira-Mar pode, muito bem, não perder em Setúbal, o que seria magnífico para as suas aspirações. Aguardemos...

Todos nós, aveirenses, acalentamos, interiormente e ardentemente, o desejo de uma pronta, firme e segura recuperação do «nosso» Beira-Mar, de forma a que a turma se liberte da incómoda posição em que se encontra. Tarefa ingrata, espinhosa e muito contingente — todos o reconhecemos — pelo manifesto equilíbrio de valores do numeroso lote de concorrentes situados na zona perigosa. Cada jogo, nas treze jornadas subsequentes, será uma autêntica final — que, òbviamente, trará aos atletas desgaste físico e psicológico, dada a sua tensão nervosa.

Por nós, confiamos no brio, na indómita vontade dos elementos do Beira-Mar, na certeza de que eles irão bater-se com o máximo empenho, prestigiando sempre o

Continua na página 9

TAÇA DE PORTUGAL

Nos desafios efectuados no passado domingo, apuraram-se os seguintes resultados gerais:

ATLÉTICO — BRAGA	1-1
C. U. F. — PORTO	1-1
GUIMARÃES — PENAFIEL	5-0
SINTRENSE — SETÚBAL	1-2
BELENENSES — PENICHE	4-0
TIRSENSE — LEIXÕES	1-0
ACADÉMICA — LEÇA	9-2
BEIRA-MAR — MONTIJO	5-0
A. DE VISEU — SANJOANENSE	2-2

Falta conhecer apenas mais um dos grupos que continuam em prova e tudo leva a crer que seja a Sanjoanense a obter a passagem, quando, em 26 de Março, completar a sua compita com o Académico de Viseu a quem, no domingo, impôs uma igualdade no Estádio do Fontelo.

A ser assim, ficam apenas equipas da I Divisão na terceira eliminatória — isto porque o Beira-Mar, respondendo como se lhe impunha (de forma firme, categórica e positiva! — como nestas colunas previramos), reagiu de forma excelente ao desaire inesperadamente sofrido no Montijo e logrou pulverizar o avanço do seu adversário.

Nos outros prélios, os favoritos lograram resultados com que garantiram a qualificação almejada.

Anote-se, entretanto, que o Leixões perdeu ante o Tirsense (equipa que mereceu bem um terceiro jogo); e que o Porto e o Braga, tiveram de contentar-se com empates, quando os respectivos antagonistas, C. U. F. e Atlético, mormente os barreirenses, justificaram desfechos que, pelo menos, os conduziriam a «negras»...

Tal não sucedeu. E, assim, a prova irá prosseguir, de acordo com calendário a sortear oportunamente, com a presença dos seguintes grupos: Académica, Beira-Mar, Belenenses, Benfica, Braga, Guimarães, Leixões, Porto, Sanjoanense (ou Académico de Viseu), Setúbal e Varzim (isento, por sorteio, desta eliminatória).

Beira-Mar, 5 — Montijo, 0

Jogo em Aveiro, no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Pinto Ferreira, coadjuvado pelos srs. Gomes da Silva (bancada) e Alexandre Queirós (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Vítor; Girão, Piscas e Almeida; Brandão e Marçal; Garcia, Gaio, Diego, Abdul e Nartanga.

MONTIJO — Redol; Bexiga, Santana e Virgílio; José António e Lino; Veredas, Moreira, Ferra, Cardoso e Ribeiro.

●

Os beiramarenses ganhavam por 4-0, ao fim da primeira parte, com golos de DIEGO (20 segundos!), NARTANGA (17 m.), GARCIA (34 m.) e GAIO (36 m.) — com a curiosidade dos três primeiros tentos terem sido marcados de cabeça.

Na segunda parte, aos 75 m., GAIO encerrou a contagem, obtendo o golo que garantiu a qualificação do Beira-Mar para nova eliminatória da «Taça de Portugal».

●

Tendo sido derrotados, sensacionalmente, por quatro bolas sem resposta no jogo realizado, quinze dias antes, no campo do Montijo,

Continua na página 9

DE CÁ PARA LÁ

APESAR DE TUDO, A «BANDA» HÁ-DE CONTINUAR A PASSAR

Apontamento de JOAQUIM DUARTE

LIBERTO das preocupações que me inibiam, um tanto, de contactar amiúde convosco, eis-me de novo junto de vós para vos mandar notícias de cá para lá... Esta semana, se mo permitis, falar-vos-ei tão-sòmente do Beira-Mar e da sua carreira no Nacional de Futebol e na Taça de Portugal.

Parece-nos ingrato discorrer sobre uma equipa prostrada na cauda da classificação, mas a vossa amizade a isso nos impõe. Vejamos, então:

A primeira categoria de futebol do Sport Clube Beira-Mar não possui, presentemente, o nível dum conjunto de primeiro plano, que todos desejaríamos. Uma série de circunstâncias, entre as quais avulta a infelicidade — preferimos chamar-lhe assim — nas aquisições, atirou os aveirenses para a incómoda posição em que se encontram. Houve, realmente, infelicidade nesse apetrechamento, que mais se avolumou com a deserção (!) do responsável, positivamente desorientado e sem força, pelo menos aparente, para contrariar o mau trabalho de alguns jogadores, o que se reflectia, naturalmente, no labor da equipa.

Que nos perdoe o antigo internacional de «Os Belenenses», mas ficamos com a ideia de não ter feito tudo quanto se impunha no lugar que, cegamente, lhe confiaram. (Este cegamente tem aqui o significado da confiança com que as gentes de Aveiro se entregam a quem as procura servir). Quis-nos parecer que, à lhaneza de trato, não soube juntar o sacrifício que o comando de uma equipa impõe. Terá havido uma espécie de deixa correr, já que um treinador com tantos anos ligados ao futebol tem, necessàriamente, de deixar muito mais do que aquilo que o Artur Quaresma nos legou.

É lá de admitir, por exemplo, a sua passividade perante a atitude dos jogadores ao negarem falar para a Imprensa ?! A culpa também cabia à Direcção ? Seja. Mas toda a gente de bom senso sabe — e o treinador devia impor-se aos seus profissionais — que essas atitudes acabam sempre por serem prejudiciais aos clubes. E o Beira-Mar, sabemo-lo bem, nada lucrou com semelhante atitude. O Beira-Mar e os próprios jogadores, disso não restem ilusões.

Mas a nossa pretensão não é acusar. Por isso, apontamos outras atenuantes como a lesão de Marçal, unidade influente na movimentação da equipa, o abaixamento de forma de jogadores como Evaristo, Gaio, Diego e Brandão, os dois últimos devido principalmente a deficiência física, proveniente de

Continua na página 9

SANGALHOS

vai construir um Pavilhão de Desportos

No sábado, à tarde, como anunciáramos no último número, um grupo de elementos ligado ao prestigioso Sangalhos Desporto Clube, composto por individualidades como Nelson Neves, Presidente da Direcção, Manuel Rodrigues, Presidente do Conselho Fiscal, Carlos Augusto Santiago, Feliciano Neves, António Vela, Sidónio de Sousa e Carlos Carvalho, receberam na sede do Clube os srs. Eng.º João de Oliveira Barrosa, Delegado em Aveiro da Direcção Geral de Desportos, e Francisco da Encarnação Dias, Presidente da Associação de Basquetebol de Aveiro.

Primeiramente na sede e, mais tarde, junto à Pista de Ciclismo, foi estudada a possibilidade da construção dum recinto coberto para a prática das chamadas modalidades pobres, nomeadamente o Basquetebol, onde o Sangalhos tem estado

Continua na página 9

Sumário DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 19.ª jornada:

Paços de Brandão — O. do Bairro	3-0
Paivense — Anadia	2-0
Recreio — Esmoriz	3-1
S. João de Ver — Lusitânia	0-1
Estarreja — Feirense	1-2
Cucujães — Alba	1-2
Arrifanense — Valecambrense	1-1

RESERVAS

Resultados da 14.ª e última jornada:

Feirense — Avanca	8-1
Lusitânia — Valecambrense	1-2
Pejão — Espinho	2-3
Oliveirense — Alba	10-2
Bustelo — Vista-Alegre	3-0
Anadia — Macinhatense	0-1

● No encontro Paços de Brandão — S. João de Ver, ganhou o primeiro por falta de comparência do seu adversário.

● Vencedores das duas séries, Espinho e Oliveirense qualificaram-se para a final do torneio, a disputar em duas «mãos», amanhã (em Oliveira de Azeméis) e no dia 12 (em Espinho).

Continua na página 3

A T. V. em AVEIRO

O brilhante e muito apreciado Jornalista Mário Castrim, que escreve no «Diário de Lisboa» acerca da T. V., referiu-se, em 31 de Janeiro, na sua rubrica habitual, ao «Momento Desportivo» da noite anterior. Com a devida vénia transcrevemos, a seguir, um passo dessa curiosa crónica de Mário Castrim — um nosso ilustre conterrâneo, da vizinha vila de Ílhavo:

/.../Imaginem lá a minha satisfação quando vi que o resumo filmado ia dar-me o Beira-Mar - Montijo! A rapaziada da minha terra portou-se como quem é (pedi estas palavras emprestadas a Lorca — não, que ideia!, não há nenhum paralelismo entre nós! — porque se trata para mim de momento solene). E cá o ilhavense de mim todo inchado quando Artur, enfático, proclama! «Nada podia deter o Beira-Mar...» Quer dizer: era uma força, uma torrente, um furacão!

Isto veio a propósito porque ontem mesmo soube pelos jornais que a «minha» Costa Nova ficara grandemente danificada pelos ataques do mar. A minha avó ainda é do tempo em que o mar chegou ali onde depois se levantou a capela da Nossa Senhora da Saúde. Isso quase foi considerado o fim do mundo. Pois pelo caminho que as coisas levam não tarda que tenhamos de passar a capelinha para a Gafanha. /.../

Com a presença de duas equipas de cada série de apuramento (Cucujães e Sanjoanense — da Série A; e Anadia e Beira-Mar — da Série B) vai disputar-se, amanhã, e em 12 do corrente, a «poule» final do Campeonato Distrital de Juniores.

Amanhã, em Avanca, no Campo do Fontelo, efectuam-se as eliminatórias, com os jogos CUCUJÃES — BEIRA-MAR, às 9.30 horas, e ANADIA — SANJOANENSE, às 11 horas.

No dia 12, em Arrancada do Vouga, jogam os dois grupos vencidos (apuramento do 3.º e 4.º) e os dois «teams» vencedores (apuramento do campeão e do 2.º classificado).

BASQUETEBOL

Neste fim de semana, a Federação Portuguesa de Basquetebol interrompe, como usualmente, as várias competições nacionais em curso.

Por esse motivo, limitamo-nos, hoje, a indicar os resultados e as actuais tabelas classificativas das provas em se encontram equipas aveirenses — reservando para a próxima semana os habituais resumos dos encontros em que tomam parte os grupos do nosso Distrito.

Eis, portanto, o resumo de resultados e as classificações:

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada:

Vasco da Gama — Marinhense	62-46
Académica — Galitos	85-35
C. D. U. P. — Sp. Figueirense	59-43
Porto — Illiabum	65-30

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P
Porto	3	3	—	177-93	6
V. da Gama	3	3	—	171-120	6
Académica	3	2	1	196-104	5
Marinhense	3	2	1	130-135	5
C. D. U P.	3	1	2	132-144	4
Illiabum	3	1	2	120-156	4
Sp. Figueir.	3	—	3	114-194	3
Galitos	3	—	3	104-193	3

II DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada:

Invicta — Leça	45-31
Gaia — Sp. Caldas	38-44
Ginásio — Sanjoanense	22-34
Fluvial — Naval	48-33
Sangalhos — Esgueira	41-22
Educação Física — Olivais	57-22

CAMPEONATOS DISTRITAIS

JUNIORES

No jogo que faltava realizar, foi averbada falta de comparência a ambas as equipas (Sanjoanense e Illiabum), pelo que a tabela final ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	6	5	1	307-141	16
Esgueira	6	3	3	153-177	12
Illiabum *	6	3	3	192-162	11
Sanjoanen. **	6	—	6	52-224	4

* Tem uma falta de comparência
** Tem duas faltas de comparência

JUVENIS

Resultados da última jornada:

Galitos — Asilo-Escola	68-29
Sangalhos — Amoníaco	47-23
Sanjoanense — Illiabum	D.-D.

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	12	12	—	685-238	36
Illiabum*	12	8	4	458-269	27
Esgueira	12	7	5	306-307	26
Sangalhos	12	7	5	319-344	26
Asilo-Esc.	12	3	9	280-438	18
Amoníaco	12	2	10	183-524	15
Sanjoa. **	12	2	10	195-326	14

* Tem uma falta de comparência
** Tem duas faltas de comparência